2 PÁGINA
Notas em trânsito – sobre adversidades e diversidades culturais
Júlio Martins

Entrevista com Mariana Fernandes

3 PÁGINA
Artes plásticas no Acre
Ueliton Santana

4 PÁGINA
As coisas saem de nós assim como nós saímos das coisas
Kamilla Nunes

FÓRUM

Orbis descriptio, Anna Bella Geiger

ARTE DA FORMAÇÃO

No campo das artes plásticas, o Brasil também se mostra um espaço desigual. Por um lado, há nomes que integram o círculo internacional de galerias, como Beatriz Milhazes e Adriana Varejão, cujas obras ultrapassam o milhão de dólares. Por outro, inúmeros criadores ficam à margem do mercado, principalmente se vivem em locais distantes do eixo Rio–São Paulo. Realizado em março, o evento "Longitudes" trouxe para a capital paulista artistas, professores e pesquisadores de todo o país a fim de debater essa situação. O objetivo principal foi avaliar a formação do profissional da área diante do atual cenário.

Esta edição apresenta as ideias da organizadora do evento, Mariana Fernandes, e de três dos participantes do encontro, que, a partir da análise de questões específicas, como o circuito artístico de seus Estados, contribuem para a compreensão e a busca de soluções para a situação nacional.

(As gravações das palestras e a publicação de textos, direta ou indiretamente ligados ao evento, estão disponíveis em <**www.seminariolongitudes.com**>. Outro canal de comunicação é o e-mail <**longitufes@ananue.com**>*)*

Sem título (Prato), Stéphane Vigny

NOTAS EM TRÂNSITO – SOBRE ADVERSIDADES E DIVERSIDADES CULTURAIS

Júlio Martins

Belo Horizonte / Paris, 2009-2014. **Stéphane Vigny**

Sans titre (assiette) consiste num prato decorativo de cerâmica quebrado e refeito em seguida, colado à maneira museológica utilizando chicletes. "...pratos que eu vi na casa da sua mãe, na parede da sala, que também existem aqui na França. Esta mutação de um objeto funcional em objeto decorativo me pareceu curiosa. Foi pra mim uma surpresa feliz me dar conta que este tipo de prática decorativa poderia ter uma dimensão universal, se pensa que sempre se trata de uma coisa muito localizada que pertence a uma única região do mundo. Eu penso que o fenômeno local é o mesmo em todos os lugares e que é a nossa concepção do universal que difere". (Iluminuras 3. Belo Horizonte: nunc, 2013). A sentença de Vigny reverte a ordem com que geralmente pensamos a dialética entre universal e local. Assim entendido, seriam as nossas projeções de universalismo, implicando em projetos, expectativas e domínios, o grande fator de diferenciação. Pratos decorativos estampam pinturas de cenas alpinas, europeias, de suposto refinamento. Fornecem dados sobre noções de bom gosto e imaginário colonizado. O gesto de quebrar e recompor esse objeto com precariedade pode ser lido em diálogo com duas importantes matrizes culturais brasileiras, a antropofagia e a gambiarra, sob a perspectiva de um artista estrangeiro.

É preciso pensar a arte contemporânea como um fenômeno sempre contextual

Ouro Preto – MG, 2011. **Advânio Lessa**

Pensar a arte contemporânea como um fenômeno sempre, necessariamente, contextual. Durante as viagens pelo Programa Rumos Artes Visuais, procuramos rearticular nossas sensibilidades a cada contexto visitado. Qual ideia e prática de arte contemporânea é construída em cada circunstância, complexa, singular? A obra de Advânio Lessa me desmobilizou, meu vocabulário não alcançaria a poética de um artista que produzia objetos em escala humana com raízes e madeiras ensinado pelas próprias árvores, por sonho. Sem conhecer Krajcberg ou qualquer referência da história da arte, o artista recebia mensagens da natureza sobre "como deveria trabalhar suas peças". Fiquei absolutamente seduzido.

Porto Velho – AC, 2011. **Ueliton Santana**

Me recordo quando vi o trabalho de Ueliton Santana, artista do Acre, formado no Peru. Sua pintura criou uma exigência em minha abordagem. São telas grandes, muito coloridas, com vocabulário eclético, oscilando entre referências figurativas e estilemas abstratos diversos, temas que vão de retratos à Santa Ceia. Mas o mais curioso é que ele sempre espacializa as pinturas, se enrolando nas telas, criando circunstâncias em seu ateliê, pendurando em uma ponte ou tronco de árvore. A pintura dele desconhece, igualmente, o que possa significar "especificidade do meio" ou mesmo "pintura expandida". É outra coisa.

Natal – RN, 2013. **Erik van der Weijde**

Souvenir III é um livro de artista que reúne o arquivo de fotografias de prostitutas feitas por Erik, um holandês que vive em Natal. Ele pede às mulheres que fiquem em posições estranhas, que transformam o corpo em objeto, algumas se sentem à vontade pra posar, outras não. As imagens se distanciam de qualquer sedução. Há uma crueza que torna latentes as questões políticas levantadas pelo processo, entre submissão, autoridade, voyeurismo. Contudo, essa perversão só ganha consistência por se tratar de um olhar estrangeiro.

Este artigo está disponível no "Debate acadêmico" do *Portal Unesp*, no endereço <**http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/notas-em-transito---sobre-adversidades-e-diversidades-culturais/**>.

Júlio Martins é curador e historiador. Foi responsável pelo mapeamento de Minas Gerais e Espírito Santo pelo programa Rumos Artes Visuais do Instituto Itaú Cultural – SP (2011–2013) e curador geral do Museu Inimá de Paula, Belo Horizonte (2008–2011).

É PRECISO DISCUTIR COMO E PARA QUEM OS ARTISTAS SÃO FORMADOS

MARIANA FERNANDES

Por Oscar D'Ambrosio

Pesquisadora e crítica, Mariana Fernandes foi a organizadora do evento 'Longitudes: a formação do artista contemporâneo no Brasil', realizado nos dias 29 e 30 de março na Casa do Povo, em São Paulo (SP). Atualmente, desenvolve pesquisa em Políticas Culturais na Universidade de São Paulo (USP).

Jornal Unesp: O que a motivou a realizar o evento?

Mariana Fernandes: Tudo começou com uma pesquisa de mestrado sobre mercado de arte. Observei que a arte contemporânea, com outros setores da cultura, assim como da economia, obteve um crescimento exponencial no Brasil e no mundo. O aumento excepcional no preço das obras de arte e o crescimento no volume de vendas, principalmente na Europa e nos EUA, e, agora, também na China, desencadeou uma demanda por novos artistas no mundo inteiro. O fato é que, apesar do crescimento do mercado de arte ter gerado muito dinheiro, não se pode dizer que o artista desfrute de uma situação privilegiada.

JU: Como foi concebida a organização do Seminário?

Mariana: Foram convidados artistas, professores e/ou pesquisadores das cinco regiões brasileiras a fim de iniciar com os participantes uma discussão que vise a construir um panorama do que, nos últimos anos, entendemos ser a formação do artista visual. Buscamos colocar em contato a pluralidade de pensamentos sobre a formação artística dos palestrantes e ouvintes. Foram realizadas mesas sobre a profissionalização do artista, ou o que torna o artista profissional; o artista e seu âmbito de atuação; o artista e a ampliação do circuito; a arte na universidade; o artista enquanto produtor de si; e disparidades regionais. O objetivo era trazer questões mais gerais e abstratas sobre a formação do artista contemporâneo, indagando quem, como e para quem estão sendo formados os artistas, enfocando questões pouco enfocadas.

JU: Qual é a sua avaliação das discussões?

Mariana: Acredito que existe hoje um retorno dos artistas à academia. Não se trata, porém, daquilo que ocorreu no passado. Com o fim das academias de arte no final do século XIX, há atualmente uma reacademização, não para aprender técnicas específicas, mas para saber como construir um discurso sobre a própria obra. Nossa

Divulgação

As artes visuais no Brasil seguem o modelo dos EUA e da Europa e, dentro do Brasil, o padrão de São Paulo e Rio

proposta é olhar para as artes visuais de uma forma autônoma. Diferentemente da música, as artes visuais no Brasil seguem muito o modelo dos EUA e da Europa e, dentro do Brasil, seguem o padrão de São Paulo e Rio de Janeiro. Há fomento da arte no Norte e Centro-Oeste, por exemplo, mas feito a partir dos centros financeiros nacionais, que entendem como exótico aquilo que é diferente. É preciso fazer ainda uma pesquisa sobre esse entendimento do exótico. Para muitos, por exemplo, o modernismo praticado no Brasil não é arte brasileira, pois falta esse componente de exotismo. O modo como a arte brasileira é vista no exterior merece análise. Armando Queiroz, artista, curador e diretor da Casa das Onze Janelas, em Belém (PA), disse, no Seminário, que Belém, por um lado, deseja estar isolada; mas, por outro, desperta a cobiça de muitos outros locais. A questão é que ser aquilo e se manter assim demanda um certo afastamento dos outros.

JU: Quais os próximos passos do Seminário Longitudes?

MARIANA: O projeto continua no mestrado. Pretendo dar desenvolvimento dialogando com os participantes do evento, com entrevistas e novos pontos de vista. O essencial é que o Seminário mostrou uma característica diferenciada, pois há muita discussão sobre mercado de arte, curadoria e profissionalização do artista, mas, pela primeira vez, uma discussão desse porte fala sobre a formação do artista.

Ouça entrevista completa em *<http://podcast.unesp.br/perfil-12052014--mariana-queiroz-fernandes-entrevista-2033>.*

Trabalho de Ueliton Santana

ARTES PLÁSTICAS NO ACRE

Ueliton Santana

{...}
DÉCADAS DE 1960 e 1970

Somente na década de 1960, com a criação do Estado do Acre, terão início algumas mudanças no aspecto provinciano das cidades na região. Em Rio Branco acontece, em 1967, a 1ª Exposição de Pintura de Artistas Acreanos, promovida pelo jornal *Correio do Oeste*, com obras de Garibaldi Brasil [...].

Mas será na década de 1970 que as artes plásticas irão alcançar mais visibilidade, com exposições do próprio Garibaldi, de Rodolfo Bader e de Hélio Cardone. Em 1977, após a I Exposição Acreana de Artes Plásticas, outros artistas irão se destacar, como: Francesco Di Giorgio, Raul Velásquez, Dalmir Ferreira, Genésio Fernandes, Jader Damasceno e Kasal, entre outros. Em 1979, acontece o I Salão Universitário de Artes Plásticas, que teve a participação de Hélio Melo, Tristão Cavalcanti e Danilo de S'Acre, entre outros. E, no início da década de 1980, acontece a II Exposição Acreana de Artes Plásticas, que destaca Janete Pacheco, entre outros. [...] Nesse período, vale destacar a atuação de dois artistas, Dalmir Ferreira e Hélio Melo.

[...]

Na década de 1970, artes plásticas terão mais visibilidade

DÉCADA DE 1980

[...] Em 1988, é criada a Associação de Artistas Plásticos do Acre, de que participam Genésio Fernandes, Hélio Melo, Babi Franca, Jorge Rivasplatas, Péricles Silva, Potysdan Pascoal, Maqueson, Thaumaturgo Filho, Cerezo e Nely Cruz. Também surgem os artistas Ivan Campos, Cícero Franca, Gesileu Salvatore, Paulo Félix, Valdenizio Rego, Jaqueline Mesquita, Pedro Arte, Glicério Gomes.

[...]

DÉCADA DE 1990

[...] Nesse momento, os principais expoentes são: Garibaldi Brasil, Rodolfo Bader, Hélio Cardone, Francesco di Giorgio, Genésio Fernandes, Jader Damasceno, Carlo Mejido, Danilo de S'Acre e outros, e podemos ressaltar a importância de Dalmir Ferreira como pensador e estimulador das artes plásticas.

[...] Alguns espaços são criados e outros são fechados, como, por exemplo, o Museu de Belas Artes [...]. Outros artistas ainda jovens que surgem no período só ganharam destaque na década seguinte, como: Darci Seles, Jorfrannas, Enilson Amorim, Ueliton Santana, Edmilson Caetano, Marciony, Leila Jalul, Natalino Santos.

ANOS 2000

[...]

Com o apoio de instituições públicas e privadas, diversos artistas se destacaram, como: Ivan Campos, Cícero Farias, Sales Pires, Gesileu Salvatore, Valdenizio Rego, Darcy Seles, Jorfrannas, Enilson Amorim, Luiz Carlos, Marco Lenízio, Ueliton Santana, Edmilson Caetano, Eliane Rudey, Marciony, Natalino Santos, Antonio Carlota, Paulo Félix, Carlos Henrique Amorim, Manoel Arte, Antônio de Alcântara (fotógrafo), Janete Zaire, Glicério Gomes, Aglaíze Damasceno, Sansão Pereira, Nilcinha Jordão, Neli Cruz, Terezinha Monteiro, Jader Damasceno, Fernando da Silva, Francisco de Assis, Celso, Leandro, Daniel Cabral, Cleanto Barbosa, Rosimar, Leila Jalul e Branco, entre outros.

[...]. Nesse âmbito, temos a criação do I Salão Hélio Melo de Artes Plásticas, em 2004 [...].

[...]

Pudemos ver nascer ainda a Usina de Arte João Donato [...]. Algumas ações da Funarte e Minc também trouxeram oficinas e cursos e exposições ao Acre [...]. A FAO – Faculdade da Amazônia Ocidental abriu em 2006 o curso de Artes Visuais em Rio Branco [...].

Nesse período, tivemos ainda a criação do Salão dos Novos, criado para descoberta de novos talentos, e o "Cores da Cidade" (concurso de arte em diversas categorias das artes visuais).[...]

Outra ação que acredito ter tido uma relevância foi a compra, em 2008, pela Assembleia Legislativa do Acre, de uma coleção de trabalhos de artistas acreanos para compor seu acervo [...] Nesse período, pudemos ver mais avanços, a Rede Acreana de Cultura publicou o portfólio de Artes Visuais do Acre [...].

Atualmente, temos funcionando um ponto de cultura no SESC, a AAPA [...] funciona com projetos e exposições, a Galeria Juvenal Antunes, espaço da Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour, funciona recebendo exposições locais e nacionais [...] e funcionam ainda alguns espaços alternativos em órgão públicos e privados para exposição.

Na paisagem de Rio Branco podemos citar a importância da arte pública, com alguns murais e esculturas encomendadas pelo governo a artistas de outros Estados [...]. Ao mesmo tempo, sem o apoio do Estado, existe o avanço do grafite nos muros de Rio Branco. [...]

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do *Portal Unesp*, no endereço <**http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/sintese-do-panorama-das-artes-plasticas-no-acre/**>.

Ueliton Santana dos Santos é artista e professor de Arte no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (Ifac).

Imagem da instalação Fantasmáticos, de Raquel Stolf

AS COISAS SAEM DE NÓS ASSIM COMO NÓS SAÍMOS DAS COISAS

Kamilla Nunes

Na tentativa de propor uma discussão sobre a atual situação dos espaços de formação voltados para as artes visuais em Florianópolis, farei um breve apanhado histórico da formação do circuito artístico na capital. [...]

Dos textos que pesquisei, que vão desde os artigos de jornal das décadas de 1950 e 1960 aos textos de catálogos escritos por curadores e artistas, diretores de museus e presidentes de associações, ou mesmo artigos recentes, como os escritos no livro *Construtores das Artes Visuais: 30 artistas de Santa Catarina em 160 anos de expressão*, sempre houve uma preocupação em apontar os momentos em que a arte produzida na capital obteve projeções nacionais e/ou internacionais.

[...]

Houve uma sequência de fatos marcantes que influenciaram a construção de espaços de formação e difusão da arte, públicos e privados, na semiárida Desterro. Em 1948 foi criado o MANF, Museu de Arte Moderna de Florianópolis, localizado no centro da cidade. [...] Na sequência, houve o surgimento da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, no final dos anos 50; a criação do GAPF, Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, em 1958; o surgimento do MASC, que substituiu o MANF, em 1968; a destruição do sebo do escritor Salim Miguel durante a ditadura, onde os artistas compravam livros de arte, política, literatura e que funcionava também como um lugar de convivência e aproximação entre escritores e artistas; a criação da *Revista Sul*, que fundou o modernismo no Estado; o surgimento de um modesto mercado de arte nos anos 60; o marasmo dos anos 70; a criação das Oficinas do CIC, Centro Integrado de Cultura; o momento em que Harry Laus assumiu a direção do MASC e dinamizou a produção dos artistas; a fundação da ACAP; a criação do Ceart, Centro de Artes da Udesc em 1985; o "Resumo 85", exposição organizada pelo artista plástico Janga, cujo propósito era propor novos olhares para a produção de arte contemporânea que estava sendo experimentada; [...] o ingresso da artista Doraci Girrulat no Ceart, cuja atuação como professora foi fundamental para a disseminação das abordagens contemporâneas, a noção de trabalho coletivo e a performance.

[...] É fato que os anos 1980 foram marcados por um superaquecimento na produção de arte, caracterizada pela retomada da pintura. [...] Considero que não houve no Estado uma demarcação de território, uma vez que os artistas desenvolveram uma produção artística independente, completamente desvinculada do mercado de arte e sem cair no chavão da pintura, aderido de forma quase unânime no mundo.

Significa dizer que houve uma rica pesquisa das diversas linguagens artísticas, entre elas: cerâmica, tapeçaria, desenho, instalação, performance, gravura, escultura e pintura [...]. Foi a primeira vez na história de Santa Catarina que se formaram coletivos de artistas e que a produção não ficava apenas restrita aos ateliês individuais, já que nesta época foram criadas as Oficinas de Arte do Centro Integrado de Cultura. [...]

Muitos dos artistas que tinham uma produção ativa e que fizeram parte das Oficinas de Arte são docentes do Centro de Artes da UDESC, que se tornou, desde os anos 1990, um dos principais responsáveis pela formação dos agentes do circuito de artes visuais. Saliento aqui a importância dos diversos "circuitos" de formação, encontro, difusão e espaços de/para arte. [...] No decorrer dos anos, muitos espaços, como museus, galerias e ateliês foram encerrando suas atividades, fechando suas portas ou mesmo tornando-se obsoletos e/ou pouco representativos para o circuito artístico local.

A crítica de arte, que chegou a ter quatro páginas inteiras em cadernos culturais, também perdeu seu espaço para um jornalismo raso e de caráter apenas informativo. Talvez tenhamos voltado a respirar com a sacudida que o grupo "Vaca Amarela" propiciou à cidade nos anos 2000, como uma reação à ausência de crítica local. No mesmo espírito de reação, desta vez à ausência de espaços para a arte contemporânea, surgiu o "803 e 804", espaço idealizado por Regina Melim, Raquel Stolf, Yiftah Peled e Edmilson Vasconcelos, localizado no já histórico Edifício Dias Velho, no centro da cidade.

Florianópolis está deficiente de espaços informais de formação

[...]

Gostaria de sugerir especial atenção a algumas iniciativas que, de alguma forma, contornaram essa ausência de equipamentos públicos para as artes e fizeram de suas casas espaços para contemplar a prática experimental que surgia como potência na ilha. Foi o caso do Projeto Contramão, idealizado pelas artistas Adriana Barreto, Bruna Mansani e Tamara Willerding. [...] Roberto Freitas também abriu as portas de sua casa com o Espaço ARCO. [...] O artista Yiftah Peled, criou o espaço Contemporão Espaço de Performance, localizado na garagem de sua casa.

Nos últimos três anos, já sem poder contar com qualquer um dos espaços citados acima, podemos perceber que Florianópolis está bastante deficiente de espaços informais de formação. Alguns dos aspectos que colaboraram para esse declínio crescente foram a falta total de incentivo, por parte do governo e município, à programação continuada dos espaços de arte privados com finalidades públicas e, sobretudo, do apoio à produção dos artistas através de editais públicos; o encerramento do CIC e a gestão retrógrada do presidente da Fundação Catarinense de Cultura, Joceli de Souza; a absoluta inexpressividade do Museu de Arte de Santa Catarina e do Museu Histórico de Santa Catarina como os dois principais equipamentos do Estado para as artes visuais.

[...]

Mas declarar a falência dos espaços de formação não implica negligenciar os esforços individuais, e que atuam numa esfera provisória e efêmera. Visto que é necessário limitar o nosso assunto de discussão, sugiro especial atenção a dois projetos que propõem exposição, venda, circulação e formação: a TURNÊ e a Duna. TURNÊ foi um projeto criado por Fabio Morais, Maíra Dietrich e Regina Melim que, desde 2012, realiza feiras de arte contemporânea impressa e publicações de artistas, por cidades do Brasil. [...]

A Duna, feira de arte, cumpre um papel mais restrito com relação a território, mas igualmente importante, uma vez que desta feira participam artistas de diversas gerações, além de estar preocupada em criar ambientes de encontro entre as pessoas [...]. [...]

[...] Vivemos em um tempo em que o discurso de centro e periferia deixou de ser um paradigma e, até mesmo, uma disparidade, embora exista um sentimento de identidade que continua sendo perpassado por questões locais. Quem sabe seja mesmo um corte longitudinal o principal espaço de formação do artista hoje. Não mais um corte que tenta demarcar uma identidade nacional, um corte que parte do centro para as bordas, mas um corte que transborda e que marca as diferenças e semelhanças em face das relações entre os indivíduos.

[...]

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do *Portal Unesp*, no endereço: **<http://www.unesp.br/portal#!/debate-academico/as-coisas-saem-de-nos-assim-como-nos-saimos-das-coisas/>.**

Kamilla Nunes é artista e curadora. Desenvolve pesquisa sobre espaços autônomos de arte contemporânea no Brasil.

4 Minicurso aborda área que une matemática e física à pesquisa biológica

5 Exame melhora avaliação da audição em recém-nascidos

6 Programa de certificação aeroagrícola aprova vinte empresas

jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXVIII • NÚMERO 300 • JUNHO 2014

VIAGEM PELAS BANDEIRAS DO MUNDO

Ilustração Alecsander C. Coelho

Apaixonado pelos hinos, escudos e outros símbolos nacionais, geógrafo estuda como eles expressam as características do território, da cultura e da história de seus países. Num livro lançado recentemente, analisa as mudanças apresentadas ao longo do tempo pelas bandeiras adotadas por quase 200 nações, do Afeganistão ao Zimbábue. **páginas 8 e 9**

10 Coleção Propg/ FEU Digital chega a 249 títulos e 5 milhões de downloads

16 Livro acompanha história do treinamento de goleiros no país

Da arte à educação
Encontro avalia circuito artístico do Brasil e formação de professores na área

Cemitério clandestino

Conto da escritora carioca Ana Paula Maia revela o cotidiano de garotos que vivem à sua maneira a paixão pelo futebol em um bairro de periferia de uma grande cidade

Futebol (1935), Cândido Portinari

"É o momento em que viram ídolos imaginários, em que se esquecem da miséria e da violência doméstica"

Quando as sombras acobertam parte do dia e o sol recua alguns metros atrás das montanhas, os meninos sobem a rua, eufóricos. A bola, carregada com orgulho, passa de mão em mão. Todos querem tocá-la. Cada um deles pagou por um pedaço.

Foram meses juntando dinheiro aqui e ali, realizando qualquer tipo de serviço. A bola havia de ser própria para futebol de campo, assinada por uma marca famosa, coisa profissional.

Nos sete dias da semana, os sete meninos se revezam com a bola. Cada um tem um lugar especial para descansá-la. Nos barracos em que moram, em meio à escassez, à poeira e ao fedor, a bola é o único bem material que possuem, a única coisa bonita para se admirar em casa.

No topo da rua deserta, eles pulam o muro de um cemitério clandestino, que para eles é só um terreno com espaço suficiente para jogarem futebol sem serem incomodados.

Atravessam o local até a outra margem do muro, em que há um trecho plano de chão batido que facilita o desempenho deles. Demarcam o gol com o que encontram pelos cantos, geralmente pedras, às vezes pedaços de ossos ressequidos.

A partida começa: vagarosa, com passes sutis e dribles maliciosos. Minutos depois, ouvem-se gritos de desforra, gestos rudes e palavrões. Ao menos dois dos meninos demonstram talento e algum futuro no futebol. Mas todos se empenham.

É o momento em que viram ídolos imaginários, em que esquecem da miséria e da violência doméstica.

Gostam de estar entre os mortos. Desses mortos. Sem nome, idade ou passado que os identifiquem. Os restos mortais se misturam às pedras e pedaços de madeira. É difícil distingui-los.

Entre uma partida e outra, bebem água de uma torneira e se refrescam lavando as cabeças. Decidem fazer uma partida de pênaltis. Dois dos meninos se revezam no gol. É sempre o momento mais tenso do jogo, em que os fracassos e os sucessos se evidenciam, quando os talentos se mostram desmascarados.

O portão do cemitério é aberto e um caminhão pequeno entra. Os meninos param de jogar e vão se sentar num canto, observam a movimentação.

Dois homens descarregam do caminhão sacos de ossos.

Suspendem a lona que cobre uma cova e jogam a ossada de vários corpos ali dentro. Com uma pá, cobrem os ossos com pouca terra. Uma chuva haverá de revelar o que está escondido.

Retornam ao caminhão e vão embora. Os meninos voltam a bater os pênaltis. A luz do dia está quase se apagando.

Um menino, carregando uma sacola, pula o muro e cumprimenta os colegas.

Caminha pelo local enquanto os outros concluem a partida de futebol. Espalhados estão algumas pequenas cruzes tombadas, crânios partidos, antebraços, fêmures, mandíbulas, costelas, entre outros cacos e lascas de ossos. Ele se abaixa e apanha alguns pedaços e observa-os na tentativa de identificar a parte do corpo. Decide por uma mandíbula e a coloca na sacola.

O jogo termina e a luz do dia também. Resta apenas o tom cinzento dos vestígios de luminosidade que os torna assemelhados a vultos.

Descem a rua, satisfeitos com a partida de futebol, comentando os melhores momentos. O menino mostra aos outros a mandíbula que encontrou. Riem e o chamam de maluco. Ele dá de ombros.

Em casa, a bola agora limpa, resplandece numa prateleira.

O menino adormece olhando para ela, sonhando com um futuro promissor, sonhando com a partida do dia seguinte.

Na casa ao lado, a mandíbula, ao lado de outros pedaços de ossos, resplandece numa prateleira. O menino adormece enquanto olha para ela, sonhando com esse pedaço de osso.

Talvez seja o seu pai, talvez seja.

Este conto integra a antologia *Entre as quatro linhas: contos sobre futebol*, organizada pelo escritor Luiz Ruffato e lançada pela Editora DSOP – Leia entrevista com Ruffato na página ao lado.

Ana Paula Maia (Rio de Janeiro, 1977) publicou os romances *O habitante das falhas subterrâneas*, *A guerra dos bastardos*, *Carvão animal* e a novela *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Participa de diversas antologias de contos no Brasil e no exterior. Seu blog é **<killing-travis.blogspot.com>**. Mora no Rio de Janeiro e torce para o Botafogo.

Futebol de ficção

O escritor mineiro Luiz Ruffato comenta antologia que organizou, reunindo contos de autores contemporâneos brasileiros relacionados ao esporte mais popular do país

Oscar D'Ambrosio

Os Super-Homens (1965), Rubens Gerchman

Apesar de ser uma obsessão da sociedade, o futebol não é um assunto muito abordado pela literatura nacional

Márcia Zoet

Ruffato até jogou na várzea

O organizador da antologia *Entre as quatro linhas: contos sobre futebol* (Editora DSOP), o escritor Luiz Ruffato (Cataguases, MG, 1961) selecionou 15 autores contemporâneos para abordar o tema. Os textos foram escritos por Mário Araújo, Fernando Bonassi, Ronaldo Correia de Brito, Eliane Brum, Flávio Carneiro, André de Leones, Tatiana Salem Levy, Adriana Lisboa, Ana Paula Maia (*reproduzido, na íntegra, na página ao lado*), Tércia Montenegro, Marcelo Moutinho, Rogério Pereira, Carola Saavedra, André Sant'anna e Cristovão Tezza. Filho de um pipoqueiro e de uma lavadeira de roupas, formou-se em tornearia-mecânica pelo Senai e trabalhou como operário da indústria têxtil, pipoqueiro e atendente de armarinho durante a juventude. Graduou-se em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora e trabalhou em diversos jornais mineiros até se mudar para São Paulo em 1990. Seu romance *Eles eram muitos cavalos* (2001), que o tornou um escritor reconhecido no país, ganhou o Troféu da Associação Paulista de Críticos de Arte e o Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional.

Jornal Unesp: *Como surgiu a antologia* Entre quatro linhas*?*
Luiz Ruffato: Em primeiro lugar, sempre adorei futebol. Em 2012, quando estava na Alemanha lançando o livro *Eles eram muitos cavalos*, conversando com meu editor local, percebi que, em 2013, o Brasil seria homenageado na Feira do Livro de Frankfurt e, em 2014, a Copa seria no Brasil. Eram dois fatos importantes que poderiam gerar um bom trabalho. Sugeri então fazer uma antologia de autores brasileiros sobre futebol. Como, ao contrário do Brasil, a Alemanha tem uma tradição de textos sobre o tema, ele respondeu que me apresentava um desafio: lançava o livro desde que eu conseguisse autores jovens e contos inéditos. Logo escolhi alguns escritores e a maioria aceitou prontamente. Em outubro de 2013, lançamos a edição na Alemanha e, em fevereiro de 2014, fizemos o lançamento no Brasil.

JU: *Quais os critérios utilizados na seleção?*
Ruffato: Utilizei os mesmos que costumo usar nas antologias que organizo. Inicialmente, busquei uma representatividade de gênero. São 9 homens e 6 mulheres. Além disso, busquei fugir do eixo Rio-São Paulo. A única diferença entre as duas edições é que, na Alemanha, publiquei um texto da minha autoria, totalizando 16 autores.

JU: *Há elementos comuns na forma de esses escritores tratarem o assunto?*
Ruffato: A principal questão é que o assunto futebol não é muito tratado pelos escritores brasileiros. Até 1950, era um esporte muito ligado à elite e não havia um imaginário popular sobre o tema. Escritores não queriam enfocar o assunto, pois não o viam como representativo das massas. Depois, durante a ditadura militar, com o aproveitamento do futebol como forma de exaltar o país, os autores também se afastaram do tema. Agora, com 30 anos de democracia, foi possível sentir uma confluência: a certeza de que o futebol está no imaginário brasileiro. As percepções de mundo dos escritores são diferentes, mas os textos estão unidos pela convicção de que o assunto pode ser tratado e merece tratamento literário de altíssimo nível. Mesmo os que não gostam de futebol têm clara a presença dele na vida do brasileiro, de forma direta ou indireta. Seja dentro ou fora de campo, está presente no dia a dia.

JU: *Qual é a sua relação pessoal com o futebol?*
Ruffato: Não sonhei em ser jogador de futebol, mas jogava nos campos de várzea de Cataguases. Participava de campeonatos amadores e era um bom lateral esquerdo. Após um acidente, passei a jogar apenas futebol de salão e, depois, larguei o esporte. Mas ele esteve muito presente em minha adolescência, jogando sem camisa nos campos de várzea. Na minha literatura, surge em todos os livros. Em *Eles eram muito cavalos*, há uma cena no Pacaembu e, em outros livros, aparece em certos ambientes, como em flâmulas na parede de um quarto, por exemplo.

JU: *Além de 2014 ser o Ano da Copa do Brasil, temos diversos eventos lembrando os 50 anos do Golpe de 1964. Qual sua lembrança do período?*
Ruffato: Em Cataguases, cidade industrial, a repressão era muito forte. Não se ouvia falar em ditadura, mas ela se fazia presente nesse silêncio, pois não se discutia absolutamente nada. O delegado de polícia local era sinônimo de truculência. Orgulhava-se de ser o encarregado de pessoalmente bater nos presos, pessoas pobres que demonstravam rebeldia por usar cabelos compridos ou roupa diferente do convencional. Foi um momento tenebroso e temos que lutar para que nunca mais volte.

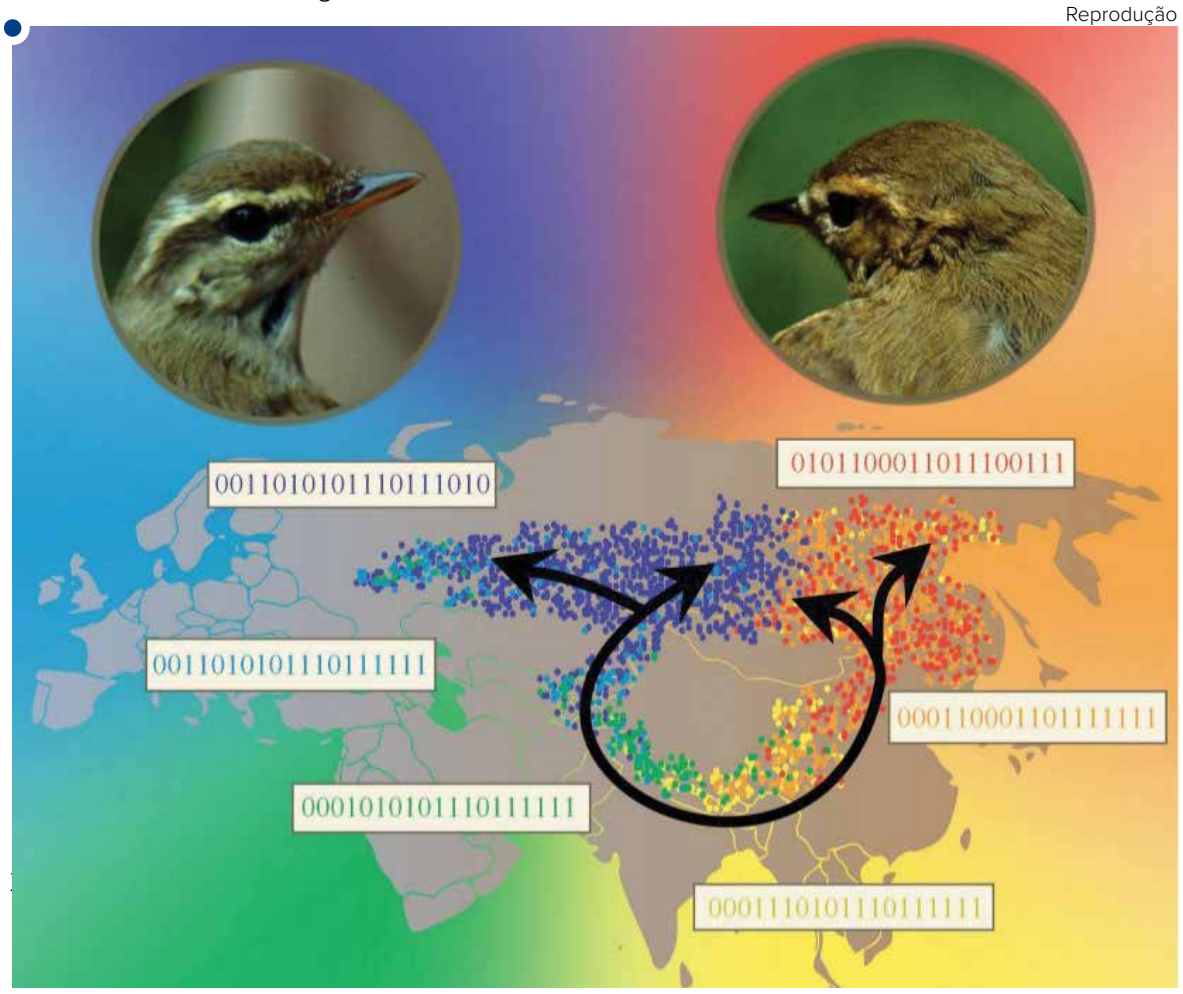
Ouça esta entrevista na íntegra **<http://podcast.unesp.br/perfil-09042014-luiz-ruffato-entrevista-2000>.**

Ciências exatas para entender a vida

Minicurso no IFT-Unesp discute área que incorpora matemática e física às pesquisas biológicas

Ricardo Schinaider de Aguiar

Reprodução



Estudo de Marcus Aguiar, da Unicamp, mostra que dispersão geográfica de pássaros do gênero das felosas em torno do Platô Tibetano da Ásia produziu espécies diferentes

"Entre os dias 4 e 9 de maio, foi realizado no Instituto de Física Teórica (IFT) da **Unesp**, Câmpus de São Paulo, o Minicurso sobre Sistemas Dinâmicos em Biologia. Organizado por Nathan Berkovits, diretor do ICTP-SAIFR e físico do IFT, e Marcus Aguiar, físico da Unicamp, o minicurso abordou temas da área interdisciplinar conhecida como biologia matemática. Com diversas aplicações possíveis, como em ecologia, neurociências e desenvolvimento de dispositivos biomédicos, esse campo integra física e matemática à biologia para compreender a natureza.

O minicurso teve a participação de pesquisadores internacionais, como Gabriel Mindlin (Universidade de Buenos Aires, Argentina) e Marcelo Magnasco (Universidade de Rockefeller, EUA), e destacou importantes tópicos relativos a sistemas dinâmicos, ou seja, sistemas que se modificam ao longo do tempo.

Sistemas ecológicos e epidemiologia

A biologia matemática é um campo recente no Brasil, com poucos grupos de pesquisa formados. Um deles é o de Roberto Kraenkel, físico do IFT-Unesp, que atua principalmente no estudo de sistemas ecológicos e epidemiologia.

"Buscamos compreender, por exemplo, a dinâmica da malária na Mata Atlântica", diz Kraenkel. "Incluímos no estudo fatores ecológicos, como biodiversidade e competição entre mosquitos de diferentes espécies, e observamos que eles contribuem para que a malária não seja uma epidemia."

Kraenkel também se interessa por modelos matemáticos de mecanismos que podem levar espécies de anfíbios à extinção. "Não é apenas a perda do hábitat que leva à extinção, mas também a desconexão entre água e mato", esclarece. "Uma distância pequena entre os dois sistemas é necessária para que girinos cheguem à fase adulta e consigam se reproduzir."

ESPECIAÇÃO

A formação de novas espécies, ou especiação, é um fenômeno ainda não totalmente compreendido. O modelo mais bem aceito, conhecido como alopátrico, requer a presença de uma barreira geográfica – como rios ou montanhas – para separar uma espécie em duas ou mais populações que, ao longo do tempo, devido a diferentes pressões seletivas, formam espécies distintas. O modelo simpátrico, por outro lado, não exige a separação física de indivíduos – o processo ocorre devido a fatores como competição. Por meio de simulações em computador, Aguiar demonstrou que seria possível o surgimento de novas espécies sem barreiras geográficas e sem competição. O modelo, chamado de topopátrico, é baseado na expansão geográfica de uma espécie.

"Aplicamos nossas ideias ao caso real de pássaros do gênero das felosas – o *Phylloscopus trachiloides* – que habitam o entorno do Platô Tibetano na Ásia", diz o pesquisador. "A espécie, que antes vivia apenas ao sul, migrou aos poucos e contornou o platô. Quando os animais se reencontraram ao norte, não conseguiam mais se reproduzir." A formação é chamada de espécie em anel. "Apesar de os pássaros conseguirem se reproduzir com membros próximos ao longo de todo o anel, quando olhamos para o ponto de encontro vemos duas espécies diferentes."

AUDIÇÃO

Pequenos fenômenos, como os que ocorrem dentro de nosso ouvido, também podem ser melhor entendidos por meio da biologia matemática. Em sua pesquisa, Magnasco elaborou uma fórmula matemática para descrever como o sistema auditivo funciona, levando em conta características físicas da membrana basilar, presente na cóclea, a cavidade em forma de caracol existente no ouvido interno. "Os mecanismos de vibração amplificam um som quando ele é muito baixo", explica o pesquisador. "Entretanto, se o som é muito alto, o processo inverso ocorre e nosso ouvido o atenua."

Pesquisas nessa área também contribuíram para o desenvolvimento de importantes dispositivos biomédicos. Entre eles, destaca-se um pequeno microfone que ao ser inserido no ouvido consegue determinar problemas auditivos, o que é especialmente útil para testar se recém-nascidos possuem audição plena.

NEUROCIÊNCIA

A biologia matemática pode ser aplicada, ainda, à fala. Mindlin, por exemplo, estuda o processo de aprendizagem de canto em canários. Algumas espécies de aves, como os pombos, não necessitam de um tutor para ensiná-las a "falar", porém outras, como os canários, precisam. O pesquisador estuda como o cérebro dos pássaros se reconfigura durante o processo de aprendizagem e também elaborou um "canto sintético" através de equações matemáticas, que quando sonorizado por um computador produz o mesmo efeito que o canto real. Além disso, Mindlin desenvolveu um dispositivo biomecânico para vocalização de canto. Por meio de chips, o instrumento capta sinais elétricos de músculos e permite a pássaros "mudos" cantarem.

"Estamos trabalhando agora em um dispositivo biomédico como esse para humanos", diz Mindlin. "Através dele, pessoas que perderam a capacidade da fala, devido a câncer, por exemplo, poderiam voltar a falar por meio de sintetizadores de voz que captariam sinais musculares ou cerebrais."

Ricardo Schinaider de Aguiar

Berkovits (*3º da esq. para a dir.*) e participantes do evento

Além do “teste da orelhinha”

Projeto de Marília propõe exames complementares para aprimorar e reduzir custos de diagnóstico de deficiências auditivas em recém-nascidos

Elton Alisson e Fernando Cunha – Agência Fapesp

A realização de testes de triagem auditiva complementares ao exame de Emissões Otoacústicas Evocadas (EOA), conhecido popularmente como “teste da orelhinha”, pode aumentar a precisão e reduzir os custos do diagnóstico de deficiências auditivas em recém-nascidos.

A conclusão é do estudo Programa de Saúde Auditiva Infantil: Triagem Auditiva em Crianças de 0 a 3 Anos de Idade, realizado por pesquisadores do Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências, da **Unesp**, Câmpus de Marília. O projeto tem apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), no âmbito de um acordo com a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV).

Alguns resultados do trabalho foram apresentados no I Seminário de Pesquisas sobre Desenvolvimento Infantil, no dia 13 de março, em São Paulo.

“Além do exame de Emissões Otoacústicas Evocadas (EOA), a realização de outros testes auditivos pode tornar o diagnóstico de perdas auditivas em recém-nascidos mais preciso”, diz Ana Cláudia Vieira Cardoso, coordenadora do projeto.

Fotos Luiz Gustavo Leme – ACI/Marília

Acima, aparelho dos testes e Ana Cláudia (*centro*) e equipe

DIAGNÓSTICO PRECOCE

Obrigatório e gratuito em todo o país, o “teste da orelhinha” permite o diagnóstico de perda auditiva a partir da presença ou ausência de resposta dos recém-nascidos à emissão otoacústica (de sons provenientes da cóclea, a cavidade em forma de espiral que forma o ouvido interno) produzida por um equipamento portátil. Os bebês diagnosticados são encaminhados a um programa de reabilitação auditiva ou de implante de prótese coclear.

O exame, entretanto, ainda não é realizado amplamente no Brasil em razão do alto custo do equipamento – cerca de R$ 20 mil. Além disso, há casos em que não é possível fechar o diagnóstico apenas com o teste, e os recém-nascidos são encaminhados para exames complementares, fora da maternidade.

Para melhorar a metodologia utilizada no diagnóstico, os pesquisadores realizaram um estudo com 645 crianças, nascidas no período de maio a novembro de 2013, na Maternidade Gota de Leite, em Marília. O “teste da orelhinha” não funcionou para 30 delas. Ou seja, não se chegou a um diagnóstico sobre se tinham ou não deficiência auditiva.

Essas crianças foram submetidas a um segundo teste, chamado Potencial Evocado Auditivo de Tronco-Encefálico Automático (Peate-A) – por meio de um equipamento comprado com recursos do projeto –, que detecta de forma rápida a presença de respostas auditivas dos recém-nascidos com intensidades mais fracas. Com esse recurso, os pesquisadores identificaram que apenas quatro tinham, de fato, problemas auditivos. “Felizmente, nenhuma dessas quatro crianças foi diagnosticada com perda sensório-neural, que é irreversível”, contou Ana Cláudia.

Os resultados do estudo foram também apresentados em um encontro da Academia Americana de Audiologia, entre os dias 26 e 29 de março, em Orlando, nos Estados Unidos.

Na avaliação de Ana Cláudia, além do aumento da precisão e da redução do custo do diagnóstico, os exames complementares ao “teste da orelhinha”, como o Peate-A, também aumentam a garantia de a criança com deficiência auditiva ser diagnosticada e receber tratamento apropriado. “Quanto mais cedo for feito o diagnóstico, maiores são as chances de minimizar as perdas auditivas e as crianças receberem tratamento adequado”, afirma.

Solução para fisioterapia

Tabuleiros produzidos em Itapeva ajudam recuperação de movimentos manuais de pessoas acidentadas e estimulam crianças com necessidades especiais

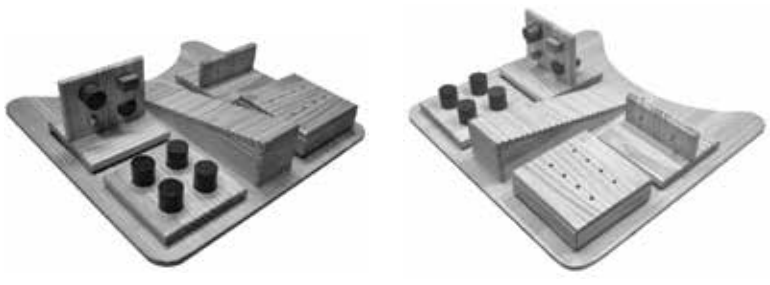
Genira Chagas

O Tabuleiro de AVD (atividades de vida diária) é uma inovação em equipamentos para fisioterapia, concebido para quem necessita recuperar movimentos finos de punhos, mãos e dedos ou para auxiliar o desenvolvimento cognitivo e motor de crianças com necessidades especiais. A iniciativa foi planejada e desenvolvida no Laboratório de Mobiliário da **Unesp**, Câmpus de Itapeva, em parceria com o Pronto-Socorro de Fraturas de Salto (SP), sob a coordenação da professora Juliana Cortez Barbosa.

Medindo 50 x 50 cm e adaptado à anatomia humana, o primeiro protótipo do Tabuleiro de AVD foi idealizado para restabelecer os movimentos de acidentados e vítimas de Acidente Vascular Cerebral (AVC). Possui cinco peças que simulam movimentos do cotidiano, como abotoar, abrir porta, costurar, girar chaves, movimentar os dedos.

O segundo equipamento foi pensado para crianças: com características lúdicas, estimula a memória, noções de espaço e lateralidade. “Fisioterapeutas do pronto-socorro de Salto nos orientaram quanto aos movimentos que os doentes deveriam fazer e nós pensamos e executamos as peças”, destaca Juliana.

Reprodução



Protótipos utilizaram rejeitos da indústria moveleira

Esses produtos já receberam dois registros distintos do Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (Inpi), na categoria Desenho Industrial. Os Tabuleiros de AVD estão sendo certificados de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Gláucia Prates, docente do Câmpus de Itapeva e responsável pela descrição do produto, explica que esse procedimento é importante para que as reproduções respeitem as características da peça original.

Os Tabuleiros de AVD são produzidos com rejeitos da indústria moveleira da região doados à **Unesp**. Para a transformação dos rejeitos em equipamentos, o Câmpus de Itapeva fez uma parceria com a Marcenaria Autogestionária do Assentamento Rural de Pirituba II. A elaboração do produto envolveu diversos alunos do curso de Engenharia Industrial Madeireira, entre eles Felipo Augusto Pereira, já formado.

Interessados no produto podem escrever para: **<tabuleiroavd@itapeva.unesp.br>.**

Segurança sobre o campo

Programa de Certificação Aeroagrícola Sustentável, voltado para garantir qualidade da pulverização de plantações, aprova vinte empresas na sua primeira etapa de avaliação

Assessoria de Imprensa da FCA/Botucatu, com informações de Alfapress

Fotos divulgação

Uma das preocupações da iniciativa é reduzir impacto ambiental da aplicação pelos aviões

Antuniassi: processo de certificação é feito em três fases

O programa Certificação Aeroagrícola Sustentável (CAS) tem as primeiras empresas aprovadas. Das 25 candidatas que solicitaram o serviço, 20 receberam em abril a certificação referente ao Nível I.

O objetivo do CAS é incentivar a capacitação e a qualificação das empresas de aviação agrícola e dos operadores aeroagrícolas privados – proprietários de terras ou cooperativas de produtores que têm seus próprios aviões. "Nossa intenção é certificar 75% das empresas registradas no país até 2017", esclarece um dos coordenadores do programa, o professor Ulisses Antuniassi, da Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA), Câmpus de Botucatu. O especialista ressalta que uma das preocupações da iniciativa é a melhoria na qualidade das pulverizações, reduzindo os riscos de impacto ambiental nas aplicações.

O CAS é promovido pela Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais (Fepaf) da **Unesp**, em parceria com a Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) e o Sindicato Nacional das Empresas de Aviação Agrícola (Sindag). A proposta tem como entidades coordenadoras a **Unesp**, por meio da FCA; a Universidade Federal de Lavras (UFLA); e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

TRÊS NÍVEIS

O sistema de certificação é aplicado em três níveis. No primeiro deles, a empresa ou o operador deve comprovar que atua em conformidade com a legislação e a regularidade de sua situação junto a órgãos como Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O segundo nível permite a certificação da qualificação tecnológica do participante, por meio da aprovação, com frequência mínima e desempenho satisfatório, em um curso de capacitação. No terceiro e último nível de certificação, a empresa ou operador passarão por uma inspeção dos equipamentos de pulverização e das instalações que utiliza.

A partir do segundo semestre de 2014, as 20 empresas já aprovadas poderão participar do Nível II do CAS. "Estamos confiantes de que a certificação contribuirá para o avanço do nosso setor, uma vez que nosso programa intensifica os cuidados com a aplicação aérea, diminuindo riscos de acidentes e também proporcionando mais capacitação e incentivo a tecnologia no campo", destaca Fábio Kagi, gerente de Educação da Andef.

WORKSHOP

Como parte das atividades de implantação do CAS, a Andef promoveu o 1º Workshop sobre Certificação Aeroagrícola Sustentável, no dia 10 de abril, na cidade de Leme (SP). Os principais temas debatidos foram a tecnologia de aplicação e o mercado aeroagrícola brasileiro. Os participantes também puderam conferir um voo de demonstração.

Mais informações podem ser obtidas no site: **<www.cas-online.org.br>.**

Fertilizante inteligente

Produto que libera nutrientes lentamente reduz custos de aplicação e preserva ambiente

Os fertilizantes têm sido essenciais para o cultivo de alimentos em grande escala. Porém, seu uso indiscriminado no Brasil semeia vários transtornos. As perdas de nutrientes, por exemplo, podem chegar a 60%, exigindo que maiores quantidades sejam aplicadas para um rendimento considerável na plantação. Além disso, o excesso de substâncias utilizadas prejudica a qualidade de águas e solos.

O fertilizante desenvolvido pelo professor André Henrique Rosa, em parceria com a sua aluna de doutorado Camila de Almeida Melo e o professor Leonardo Fernandes Fraceto, todos da **Unesp** de Sorocaba, oferece como novidade a liberação lenta no ambiente dos micronutrientes essenciais às plantas. "Os fertilizantes de liberação lenta são uma alternativa para aumentar a eficiência, diminuindo custos e aumentando a produtividade agrícola", afirma Rosa.

O novo produto tem como vantagem disponibilizar micronutrientes conforme a necessidade das plantas e, portanto, as perdas são minimizadas, reduzindo a quantidade necessária e as despesas da aplicação. Sua composição também contém matéria orgânica, que acaba se agregando aos solos, o que promove uma melhora na sua qualidade e influencia na retenção de água. E Camila aponta, ainda, os benefícios ecológicos do fertilizante, "que minimiza a contaminação ambiental e os efeitos tóxicos para a biota".

O depósito da patente desse novo fertilizante foi feito pela Agência Unesp de Inovação (AUIN) no dia 6 de fevereiro. "A AUIN cuidou de todo o processo de patente com muita eficiência e rapidez", comenta Rosa. "O apoio à pesquisa recebido da Fapesp para o desenvolvimento do projeto e a bolsa de estudos de doutorado para a Camila também foram fundamentais." Os pesquisadores agora trabalham no aprimoramento do produto.

Divulgação

Solução contribui para qualidade de solos e retenção de água

Reflexão sobre a água

Workshop propõe conhecer e organizar linhas de pesquisa na área para elaborar proposta da Universidade capaz de atender à agenda nacional

Marcos Jorge

Shutterstock

Objetivo do encontro foi estimular especialistas a apresentarem seus trabalhos para os colegas

A **Unesp** realizou, no dia 7 de maio, o Workshop Água, reunindo líderes de grupos de pesquisas da Universidade que trabalham com o tema. A proposta do encontro foi levantar as competências da comunidade acadêmica no assunto para, em seguida, elaborar um grande projeto que possa atender à agenda nacional.

O evento promoveu palestras temáticas com reuniões de trabalho entre os participantes. As reuniões serviram para que os pesquisadores se agrupassem em áreas comuns e se apresentassem uns aos outros, enquanto as palestras mostraram os pontos de vista de alguns especialistas sobre quais temas deveriam ser contemplados no projeto final.

Os participantes debateram a formação de quatro grandes grupos de pesquisa. Os tópicos foram definidos em 1) pesquisa científica, com trabalhos que abordem o tema água; 2) pesquisas tecnológicas, que envolvem o desenvolvimento de novas tecnologias relacionadas à água; 3) tecnologia aplicada, reunindo projetos para aplicação de metodologias desenvolvidas por pesquisas anteriores; e 4) pesquisas ambientais, que englobam pesquisas sobre água com viés ambiental.

A natureza transdisciplinar do tema água levantou questionamentos por parte de diversos pesquisadores, uma vez que seus grupos não se encaixavam plenamente em tal divisão ou se enquadravam em mais de um dos tópicos.

De acordo com a professora Maria Valnice Boldrin, assessora da Pró-Reitoria de Pesquisa (Prope), a proposta do workshop é conhecer o que a **Unesp** realiza nesse campo, fazendo com que os envolvidos apresentem seus trabalhos aos colegas. "Em seguida, a Prope pretende fazer um grande projeto para trabalhar junto aos ministérios, estâncias governamentais e ao poder público, na qualidade de um grupo forte de pesquisadores do tema", explicou Maria Valnice, que foi responsável pela coordenação das reuniões, ao lado dos professores Maysa Furlan e Jefferson de Oliveira.

ÁGUA RESIDUAL

Edivaldo Velini, diretor-presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp) e atual presidente da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), chamou a atenção para o tratamento, no Brasil, da água residual, aquela eliminada pelas residências e por alguns processos industriais. Velini aponta a necessidade de desenvolver métodos de baixo custo para o tratamento terciário – em que ocorre a desinfecção e controle de nutrientes –, a fim de que, quando esta água for devolvida ao meio, não prejudique a fauna ou a flora local.

Velini, que também é professor da Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA), Câmpus de Botucatu, apontou a importância de se estudar a Represa de Barra Bonita, onde deságua o esgoto de São Paulo, Campinas, Piracicaba e Sorocaba. "Este lago recebe água residual de dezenas de milhões de pessoas de um lado e disponibiliza água de boa qualidade do outro", disse. "Seria muito interessante entender como se dá esse processo, fazer estudos de meio ambiente e toxicológicos desse espaço, estudar quimicamente os compostos ali presentes."

Em sua palestra, o professor Roberto Carelli, do Instituto de Estudos Avançados do Mar (IEAMar), do Câmpus de Rio Claro, enfatizou o monitoramento oceanográfico na Bacia de Santos. Carelli apontou a necessidade de pesquisas capazes de combinar hidrodinâmica marinha com o estudo de sistemas complexos da física. "Um estudo desse tipo seria capaz de identificar áreas de grande dispersão do oceano, úteis para a difusão de manchas de óleo no mar, poluentes, contaminantes, esgoto, ou qualquer outra substância que você considerar para seu estudo", esclareceu.

ECONOMIA ECOLÓGICA

Coordenador-executivo do Câmpus Experimental do Litoral Paulista, o professor Wagner Valenti abriu sua palestra questionando qual linha a **Unesp** deveria seguir ao elaborar um projeto de estudos da água. Para ele, há uma predominância no Brasil e nas nações ocidentais do pensamento da economia neoclássica, que entende os recursos naturais como ilimitados. Nessa concepção, a tecnologia sempre substituirá um recurso em escassez.

O contraponto, segundo ele, é a economia ecológica, que entende o sistema econômico como dependente dos recursos naturais e cuja metodologia já é adotada em relatórios de órgãos internacionais como a ONU.

Valenti advertiu que o país hoje é dependente da exportação de commodities, como soja, milho e cana, que demandam não só água, mas também solo, nutrientes e a competência nacional em áreas como biotecnologia. "Nós estamos exportando nossa biocapacidade por um preço muito baixo, que são as commodities", afirmou. "Será que nós vamos continuar contribuindo para esse modelo neoclássico ou vamos pensar no ambiente finito, em mudanças de paradigma, em produções mais adequadas ao meio que as produz?"

O especialista em aquicultura usou exemplos de sua área, assinalando o baixo consumo de água da maioria das produções de peixes, a capacidade de conjugar distintas produções no mesmo espaço, bem como a ocupação de áreas alagadas, que não são disputadas pela agricultura ou pecuária, nem oferecem risco às florestas.

Segundo a professora Maria Valnice, a ideia é que outras etapas do workshop sejam realizadas nos próximos meses e que aos poucos a **Unesp** elabore um projeto único que atenda à agenda científica brasileira no tema água.

Chello Fotógrafo

Discussão de grupo: próximos meses terão novos encontros

O QUE DIZEM AS BANDEIRAS

Geógrafo analisa a história e o conteúdo de símbolos nacionais de diversos países

Oscar D'Ambrosio

Foi a paixão pelo esporte, principalmente pelo futebol, que levou Tiago José Berg, doutor em Geografia pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da **Unesp** de Rio Claro, a buscar interpretações para as bandeiras de todo o mundo. Fã das aulas de Geografia desde o ensino médio, começou cedo a procurar entender por que cada país usava determinados símbolos, que muitas vezes se repetiam em outras nações.

Antes mesmo de entrar no curso de graduação em Geografia da **Unesp**, Berg começou a mandar mensagens para consulados e embaixadas em busca de brasões, bandeiras, hinos e folhetos turísticos. No ensino superior, aprendeu a sistematizar a sua curiosidade, escrevendo o livro *Hinos de todos os países do mundo*, publicado pela Panda Books.

Em seguida, apresentou seu mestrado, também no IGCE, sobre símbolos dos Estados brasileiros. Em 2014, defendeu o doutorado "A construção simbólica do espaço através da representação geográfica nos símbolos nacionais", que busca compreender os temas geográficos presentes em símbolos como o hino, a bandeira e o escudo. "Meu objetivo é entender de que forma e em que grau o território, a paisagem, o lugar e a região estão presentes em suas estruturas representativas", afirma Berg. (*Veja reportagem no* Portal Unesp: <**http://www.unesp.br/portal#!/noticia/13974/temas-geograficos-em-simbolos-nacionais/**>).

Em paralelo a essa pesquisa, ele se aprofundou no levantamento da história das bandeiras. Em *Bandeiras de todos os países do mundo*, também lançado pela Panda Books, estão inclusas, em 176 páginas, 1.300 bandeiras, que contam as alterações do símbolo em quase 200 nações, do Afeganistão ao Zimbábue.

GEOGRAFIA, IDEOLOGIA

O geógrafo aponta que atualmente apenas Chipre usa um mapa em sua bandeira. Mas ele adverte que Kosovo, ainda não reconhecido como país independente, também adota essa representação. Entre 1992 e 1993, o Reino do Camboja, então sob administração das Nações Unidas, usou em sua bandeira o mapa nacional, da mesma maneira que Bangladesh (1971-1972), cujo primeiro símbolo do país foi projetado por estudantes universitários.

A Ucrânia, por sua vez, seria um exemplo do uso de elementos geográficos na bandeira. Azul e amarelo, esse símbolo busca, por motivos políticos, ser uma representação neutra da paisagem nacional. Não há alusões culturais à Rússia ou à Ucrânia, mas a presença do azul do céu e do amarelo dos campos de trigo, importante riqueza dessa nação.

Ao mostrar a transformação

CHIPRE
Atualmente, é a única nação que ostenta um mapa em sua bandeira

UCRÂNIA
Cores simbolizam geografia: o azul é o céu, e o amarelo, os campos de trigo

SÍRIA
De 1980, repete bandeira do período 1958-1961, marcado pela integração árabe

MIANMAR
Adotada em 2010, retoma o primeiro símbolo de libertação nacional

PAPUA-NOVA GUINÉ
Apresenta imagens de caráter local: o Cruzeiro do Sul e a ave-do-paraíso

IRAQUE
Manteve, em 2008, a frase "Deus é grande", inscrita na invasão do Kuwait, em 1991

TURCOMENISTÃO
Lua e estrelas, símbolos islâmicos, com cinco medalhões que lembram Estados do país

TAILÂNDIA
Soberano aboliu a imagem de um elefante, mantendo apenas as faixas horizontais

LÍBIA
Em 2011, retomou bandeira usada de 1951 a 1969, antes do governo de Muammar Kadafi

ETIÓPIA
Símbolo de país não colonizado por europeus, suas cores foram referência para a África

Para ouvir os hinos, ver as bandeiras e conhecer as explicações de Tiago José Berg sobre esses símbolos, conheça o projeto da Assessoria de Comunicação e Imprensa da **Unesp**, "Copa da Cultura". Acesse **<www.unesp.br/copadacultura>**.

Ouça entrevista completa com Tiago José Berg em: **<http://podcast.unesp.br/perfil-15052014-tiago-jose-berg-entrevista-2037>**.

das bandeiras, Berg aponta como elas representam ideologias. Ele exemplifica com a Líbia, que, após o movimento de democratização conhecido como Primavera Árabe, passou a adotar, em 2011, a mesma bandeira usada entre 1951 e 1969. No caso da Síria, a bandeira escolhida em 1980 é a mesma utilizada entre 1958 e 1961, enquanto Mianmar, em 2010, retomou o primeiro símbolo da libertação nacional. Já a mais recente bandeira do Iraque, definida em 2008, eliminou as três estrelas verdes antes presentes, mas manteve a inscrição em árabe "Deus é grande", incluída em 1991 para justificar em termos religiosos a invasão do Kuwait por Saddam Hussein, ocorrida no ano anterior.

REFERÊNCIAS

O uso das cores também guarda significados variados. Retomando o futebol, Berg recorda os exemplos da Alemanha e da Itália. "No primeiro caso, enquanto a bandeira utiliza preto, vermelho e amarelo, o uniforme é preto e branco, em homenagem à Prússia, o Estado mais importante da Alemanha Imperial. Sobre a Itália, cujas cores da bandeira são verde, branco e vermelho, o azul da camisa da seleção de futebol se justifica pela Casa de Saboia, fundamental na história do país", conta.

Entre os países africanos, há um elemento curioso. Como a Etiópia, antes chamada de Abissínia, foi a única nação africana não colonizada pelas potências europeias, sua bandeira, utilizada desde 1897, com as cores vermelha (o sangue), amarela (luz do sol e liberdade) e verde (riqueza da terra) teve forte repercussão entre os nacionalistas africanos. Por isso, muitos países, ao se libertarem do colonialismo, adotaram essas cores a partir da segunda metade do século XX.

"Os países mais novos geralmente são resultado de um processo de independência em que há uma maior preparação de um símbolo nacional considerado mais adequado. Enquanto as do século XIX nascem muitas vezes do povo, influenciadas pelos ideais da Revolução Francesa e suas cores (azul, branco e vermelho), as do século XX costumam ser preparadas pelas elites e são criadas dentro de um discurso mais popular de unidade nacional. Isso explica por que as do chamado Terceiro Mundo costumam ser trocadas com maior frequência, de acordo com quem assume o poder", diz Berg.

FUNÇÃO DIDÁTICA

O geógrafo revela, assim, como os símbolos nacionais podem ser usados nas escolas com muito êxito. Entre seus objetivos, está a publicação de um livro didático que enfoque os símbolos dos Estados e das capitais brasileiras. "A intenção é que professores e alunos possam consultar esse material, que será apresentado numa linguagem bem acessível", revela. "Além disso, na área acadêmica, desejo estudar sob uma perspectiva geográfica os símbolos nacionais, pois geralmente esse tema é estudado muito mais pela antropologia e pela sociologia."

Berg exemplifica esses dois aspectos com a bandeira do Brasil. Existe a lenda de que a estrela que está acima da frase "Ordem e progresso" simboliza o Distrito Federal, mas, na verdade, ela representa o Estado do Pará e ali está porque na época da proclamação da República no país esse era o trecho do território nacional que estava acima da Linha do Equador. "Explicar isso em sala de aula é uma forma de despertar no estudante, por exemplo, a importância de olhar para o céu e conhecer as constelações", comenta.

Para ter essa ampla visão, Berg foi obrigado a realizar muitas pesquisas, pois, se as bandeiras atuais, por terem uma produção mais industrial, seguem rígidos preceitos de estilo, forma, cores e arcabouço teórico, as dos séculos XVIII e XIX eram geralmente feitas manualmente, sem normas rígidas, e tinham uma curta duração. "O desafio foi reconstruir informações escritas de marinheiros ou militares, mas as variações e deturpações eram enormes, com muitas diferenças. Até o brasão de armas imperial do Brasil, por exemplo, foi reproduzido de muitas maneiras, provavelmente por falhas nas cópias ou por descrições orais imprecisas."

Um bom exemplo é a bandeira da Tailândia. O país, antes conhecido como Sião, teve entre 1855 e 1917 um elefante na bandeira. "Conta-se que o rei do país, navegando por um rio, viu a reprodução do animal de cabeça para baixo. Decidiu então eliminar o paquiderme e manter apenas as faixas horizontais. Seu objetivo foi simplificar para evitar erros", relata Berg.

Em termos de complexidade, porém, para o geógrafo, a bandeira do Turcomenistão, adotada em 2001, é a que mais impressiona: trata-se de um retângulo verde com uma lua e cinco estrelas (símbolo do islamismo). Dentro de uma faixa avermelhada, porém, há um tapete composto dos desenhos tradicionais de cinco guls (medalhões), que homenageiam os velayats (Estados do país). "As bandeiras de San Marino e da Suazilândia também são muito difíceis de desenhar, mas a do Afeganistão é a que ganha em complexidade, pois, além de ter a reprodução das folhas de louro da Organização das Nações Unidas, é a que teve mais alterações. Foram 17 bandeiras em pouco mais de um século de história."

EFICIÊNCIA

Todavia, nem toda bandeira está ligada a estudos complexos de vexiologia, termo criado em 1957 pelo norte-americano Whitney Smith, derivado do latim *vexilium*, que era a bandeira quadrada usada pelas tropas romanas, e da heráldica, que estuda brasões, seus símbolos e significados.

A bandeira de Papua-Nova Guiné tem uma história diferente. Nos anos que antecederam a independência, um comitê fez vários desenhos com símbolos locais. As propostas eram levadas às aldeias para consulta, até que uma menina de 11 anos fez um desenho que julgou ser mais ligado às tradições locais. "Seu triângulo negro com a constelação do Cruzeiro do Sul e triângulo vermelho com uma ave-do-paraíso estilizada encantou o comitê, que apenas realizou algumas adaptações", conta Berg.

O pesquisador conclui que, embora a eficácia simbólica de bandeiras, brasões e hinos seja questionável, por conta de não conseguirem resolver as contradições internas e externas dos países, eles ainda se mostram uma estratégia válida, por diluírem o antagonismo gerado na busca pela identidade nacional. "Afinal, a pátria está mais próxima, é mais acessível através de seus símbolos (o hino, a bandeira, o escudo) do que através de pretextos conceituais, como as ideias de pátria e justificações ideológicas", conclui.

Para Berg, num evento como o Campeonato Mundial de Futebol, em termos pedagógicos e numa perspectiva geográfica, a temática dos símbolos nacionais pode ser analisada dentro da dimensão espaço-tempo. "A representação simbólica do espaço torna-se um recurso válido para se compreender a construção geopolítica feita pelos Estados nacionais", afirma.

Símbolo do Brasil

A bandeira brasileira foi adotada em 19 de novembro de 1889. Foi concebida por Raimundo Teixeira Mendes, com apoio de Miguel Lemos e Manuel Pereira Reis. O desenho foi criado pelo pintor Décio Vilares. Suas quatro cores (verde, amarelo, azul e branco) representam simbolicamente as famílias reais de que descende Dom Pedro I, idealizador da bandeira do Império, em que se baseou a atual. No entanto, na tradição popular, o verde passou a representar as matas do Brasil; o amarelo, suas riquezas; o azul, o seu céu; e o branco, a paz que existe no país. É formada por um retângulo verde ao qual se sobrepõe um losango amarelo e um círculo azul, que por sua vez é atravessado por uma faixa branca onde está disposto o lema "Ordem e Progresso", em letras maiúsculas verdes. A frase é inspirada no lema político do filósofo positivista francês Augusto Comte: "O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim". Ainda no círculo, estão as estrelas que representam os Estados brasileiros e o Distrito Federal. As estrelas estariam de acordo com a disposição dos astros no céu do Rio de Janeiro na manhã de 15 de novembro de 1889, data da proclamação da República.

Itália e Alemanha

Embora a bandeira da Itália ostente as cores branca, verde e vermelha, a camisa da seleção nacional de futebol é azul, em referência à Casa de Saboia, uma dinastia que se tornou família real do Reino da Sardenha (1297-1861) e do Reino da Itália (1861-1946). No caso da Alemanha, a bandeira utiliza preto, vermelho e amarelo, enquanto a seleção apresenta um uniforme preto e branco, uma homenagem às cores da bandeira da Prússia, principal Estado da Alemanha Imperial (1871-1918).

Coleção on-line ganha 57 títulos

Propg/FEU Digital soma 249 e.books e já registra cerca de 5 milhões de downloads

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação e a Editora Unesp tornaram disponíveis, no início de maio, mais 57 títulos do selo Cultura Acadêmica para download gratuito. As obras integram a Coleção Propg/FEU Digital, que agora soma 249 títulos.

Os e.books podem ser baixados em formato PDF ou Epub desde o dia 6 de maio, quando foi realizada a cerimônia de lançamento na Reitoria da **Unesp**, em São Paulo (SP). Participaram do evento, além de autores e representantes da Universidade, o pró-reitor de Pós-graduação Eduardo Kokubun, o editor-executivo da Editora Unesp Jézio Hernani Bomfim Gutierre, e Tania Regina de Luca, assessora da Vice-reitoria, que representou Marilza Vieira Cunha Rudge, vice-reitora no exercício da reitoria.

Para Gutierre, o programa é extremamente bem-sucedido, como comprovam os 5 milhões de downloads nos últimos dois anos. "É uma vitória para a comunidade da **Unesp**, para a Editora Unesp e para os autores", disse na cerimônia. (*Veja quadro.*)

Chello Fotógrafo

Público durante o lançamento dos trabalhos, na Reitoria

O pró-reitor Kokubun parabenizou os autores das 57 obras: "O alcance desta iniciativa é muito gratificante e dá grande visibilidade à Universidade no Brasil e no exterior, sempre com a preocupação de preservar a qualidade dos livros", afirmou.

A professora Tania destacou a ousadia e inovação do projeto. "A avaliação positiva do Scielo potencializa ainda mais a divulgação dos livros e nos estimula a manter e elevar a qualidade", ressaltou. O público na Reitoria conferiu as obras, por meio de iPads, no hall de entrada do prédio.

PIONEIRISMO

A coleção Propg/FEU Digital, uma das primeiras de e.books do país, foi iniciada em 2010, com a disponibilização de 44 obras para download gratuito. O projeto tem como objetivo democratizar a produção acadêmica – todos os títulos são assinados por docentes da **Unesp** e abordam temas da área de Ciências Humanas.

O novo lote e parte dos 192 livros que já integravam a coleção estão disponíveis também para impressão sob demanda.

A relação dos títulos lançados em maio está no *Portal Unesp*, no endereço **<http://goo.gl/3UNvkW>.**

Conheça a Coleção Propg/FEU Digital Cultura Acadêmica em **<http://bit.ly/ipKHX8>.**

Confira ainda entrevistas em áudio com os autores em: **<http://podcast.unesp.br/perfil>**. Elas podem ser localizadas pelo título do livro ou pelo nome do autor da obra.

No Portal SciELO, quase 5 milhões de downloads

Livros da Editora Unesp atingiram, entre março de 2012 e fevereiro de 2014, 4,9 milhões de downloads no Portal *SciELO Livros*, iniciativa vinculada à SciELO (Scientific Electronic Library Online), modelo para a publicação eletrônica cooperativa de periódicos científicos na Internet.

O Portal *SciELO Livros* reúne 94 títulos da Editora Unesp, a maioria da coleção Propg/FEU Digital. Entre os downloads, mais de 90% foram em fomato PDF, havendo ainda internautas que preferiram o HTML e o Epub.

O Portal foi desenvolvido e financiado por um consórcio que inclui as editoras universitárias da **Unesp**, da Universidade Federal da Bahia e da Fiocruz. O objetivo é ampliar a visibilidade, o acesso, o uso e o impacto de pesquisas, ensaios e estudos que integram o Programa SciELO da Fapesp.

Conheça o Portal *SciELO Livros*: **<http://books.scielo.org/>.**

Formação do artista em questão

Evento "Longitudes" promoveu debates entre participantes do circuito de arte brasileiro

Oscar D'Ambrosio

Professor do Instituto de Artes da **Unesp**, Câmpus de São Paulo, José Spaniol foi um dos participantes do evento "Longitudes: a formação do artista contemporâneo no Brasil". O encontro, que reuniu criadores, estudiosos, curadores e interessados na produção do país nesse campo, ocorreu nos dias 29 e 30 de março, na Casa do Povo, em São Paulo (SP).

Organizadora do evento, Mariana Fernandes realizou a palestra de abertura, enfatizando questões como a influência da enorme expansão do mercado de arte sobre a demanda crescente por novos artistas no mundo inteiro. Mariana, que desenvolve pesquisa em Políticas Culturais na USP, colocou numerosas indagações: "Como vêm sendo formados os artistas e profissionais de arte brasileiros? As universidades oferecem ateliês? Quem são os professores que lá atuam? O que os alunos esperam dos cursos? E que tipo de profissional os professores universitários desejam formar?", assinalou.

As discussões foram distribuídas em seis mesas. A primeira delas abordou a profissionalização do artista e foi formada por Mario Ramiro, Carla Zaccagnini e Traplev. O tema da segunda, integrada por Ricardo Basbaum, Armando Queiroz e Ana Maria Maia, foi o âmbito de atuação dos criadores. Glória Ferreira, Guilherme Dable e Ana Luisa Lima, por sua vez, analisaram a questão da ampliação do circuito das artes. Na quarta, Spaniol, Felipe Scovino e Luciana debateram a arte na universidade. O artista enquanto produtor de si mesmo foi o assunto das reflexões de Divino Sobral, Amílcar Packer e Pedro França. E, na última mesa, Ueliton Santana dos Santos, Kamila Nunes e Júlio Martins puseram em relevo as disparidades regionais do país.

Em sua intervenção, Spaniol ressaltou que o aluno vai para a escola de arte desenvolver recursos expressivos. A pós-graduação seria um espaço de interlocução para a produção solitária do artista. "A formação do artista é longa e contínua", comentou. "Envolve inclusive um processo oral de transmissão de informações sem fonte, que ocorre em processos de residência ou encontros periódicos."

Anamaue

Encontro reuniu criadores, estudiosos, curadores e interessados

Leia no *Caderno Fórum* desta edição os artigos de Júlio Martins, Kamilla Nunes e Ueliton Santana, além da entrevista com Mariana Fernandes: **<http://books.scielo.org/>.**

Energia no campo com mais eficiência

Consórcio formado entre Unesp e universidades dos Estados Unidos e do Reino Unido foi um dos vencedores do programa Global Innovation Initiative

Marcos Jorge

O projeto proposto pelo consórcio formado por **Unesp**, Purdue University (EUA) e DeMontfort University (Inglaterra) foi um dos 23 escolhidos pelo Global Innovation Initiative, programa elaborado e financiado pelos governos britânico e norte-americano. A proposta vencedora visa, principalmente, melhorar a eficiência energética no campo, promovendo o desenvolvimento, a integração e a identificação de tecnologias e potencialidades energéticas locais. O anúncio do resultado foi feito no dia 1º de maio.

A proposta do Global Innovation Initiative é incentivar parcerias entre universidades norte-americanas, britânicas e de quatro países em desenvolvimento (Brasil, Indonésia, Índia e China). O foco da chamada são projetos que abordem questões globais relacionadas a ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

A chamada mundial recebeu mais de 300 propostas de instituições, inscritas na forma de consórcios, com uma universidade dos EUA, uma do Reino Unido e uma de um país em desenvolvimento. "O fato de a **Unesp** ter uma entre as poucas propostas aceitas indica o sucesso do processo de internacionalização pelo qual passa a Universidade, mas também a grande competência da equipe envolvida", explica o professor José Celso Freire Júnior, assessor-chefe da Assessoria de Relações Externas (Arex), área responsável por mediar os diálogos com as instituições parceiras.

Shutterstock

Proposta contém objetivos como reduzir demanda e consumo elétrico em comunidades rurais

SOBRE O PROJETO

A proposta feita pelo consórcio visa: 1) reduzir a demanda e o consumo elétrico em comunidades rurais por meio de pesquisa e educação; 2) melhorar a qualidade da energia em comunidades rurais quando a distribuição da energia gerada for feita por meio de análises de engenharia; 3) introduzir metodologias efetivas de feedback para mudar os hábitos do consumidor em relação ao consumo elétrico; 4) pesquisar todas as alternativas possíveis para que comunidades se tornem independentes energeticamente; e 5) estabelecer atividades contínuas de pesquisa onde professores, alunos e indústria colaborem em melhorias expressivas por meio de programas de intercâmbio, pesquisa aplicada e simpósios.

O pesquisador titular do projeto será N. Athula Kulatunga, professor na Purdue University. A **Unesp** será representada por Dionízio Paschoareli, docente do Câmpus de Ilha Solteira. O professor Subhes Bhattacharyya, será o representante da De Montfort University. O consórcio receberá US$ 250 mil, que, segundo o professor Paschoarelli, serão investidos principalmente na mobilidade das equipes entre as três instituições.

Kulatunga destaca que é fundamental estar atento às necessidades e potencialidades das comunidades locais durante o desenvolvimento do projeto. "Nós queremos criar algo em âmbito local, identificando as demandas dos habitantes e encontrando formas de satisfazê-las com os recursos ali disponíveis", explica.

REDES ELÉTRICAS INTELIGENTES

Além da identificação de fontes e potenciais locais de energia, o projeto prevê a instalação de redes energéticas inteligentes, que aplicam tecnologia da informação ao sistema elétrico, permitindo a troca de dados entre o fornecedor e usuários de energia. "As redes inteligentes de energia melhoram a comunicação entre empresa e usuário e isso já está sendo implementado em algumas áreas urbanas do país", lembra Paschoarelli.

A duração do projeto é de dois anos. As equipes ainda se reunirão para definir as áreas de atuação de cada universidade. Nesse primeiro momento, caberá à **Unesp** localizar comunidades rurais que possam servir como objeto do trabalho, além de identificar as tecnologias e potencialidades locais. A participação da **Unesp** envolverá os Câmpus de Bauru, Guaratinguetá, Ilha Solteira e Sorocaba.

Canal aberto com grupo francófono

Acordo com instituições de Canadá, Suíça e Bélgica permite ações como intercâmbio de docentes e alunos, realização de pesquisas em comum e promoção conjunta de eventos

A **Unesp** assinou, no dia 12 de maio, um acordo de cooperação com o G3, um grupo de instituições francófonas formado pela Universidade de Montreal (UdeM), do Canadá, Universidade de Genebra (Unige), da Suíça, e Universidade Livre de Bruxelas (ULB), da Bélgica. Esse é o primeiro acordo desse tipo assinado pelo grupo, formado em setembro de 2012, com uma instituição de outro país.

Participaram da reunião o reitor Jean-Dominique Vassalli e a vice-reitora Margareta Baddeley, da Unige; Guy Breton, reitor da UdeM; e Didier Viviers, reitor da ULB. A Unesp foi representada pela vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge e pelo professor Carlos Vergani, da Assessoria de Relações Externas (Arex).

Com validade de cinco anos, o acordo abre possibilidades para o intercâmbio de docentes, pesquisadores e estudantes, cotutela de teses de doutorado, projetos de pesquisa comuns, organização de eventos científicos e culturais e intercâmbio de informações e publicações acadêmicas.

"Para nós, é importante vir ao Brasil, porque é um país com o qual cada uma de nossas universidades já tem parcerias estabelecidas", afirma Breton.

O G3 oferece 12 projetos, que terão o apoio de um fundo comum gerenciado pelas três universidades e contemplarão as seguintes áreas: Arqueologia, Química/Ciências Biológicas, Direito, Estudos Internacionais, Medicina, Neurociências, Controle de Qualidade, Saúde Pública, Ciências da Educação (dois projetos) e Ciências Políticas. **(MJ)**

Marcos Jorge

Da esq. para a dir.: Serge Saumain, da ULB; Marilza, da Unesp; Breton, da UdeM; e Margareta, da Unige; na assinatura do acordo

Associação vai gerir Parque Tecnológico de Botucatu

Unesp e prefeitura assinam contrato de gestão de empreendimento

Secretaria de Comunicação — Prefeitura Municipal de Botucatu

César Culiche – Prefeitura Municipal de Botucatu

Da esq. para a dir.: o prefeito João Cury Neto, Edivaldo Velini e Antonio Vicente da Silva

No dia 6 de maio, representantes da **Unesp** e da prefeitura assinaram o contrato de gestão do Parque Tecnológico de Botucatu, em cerimônia na sede da administração municipal. A Associação Parque Tecnológico Botucatu foi selecionada para ser a gestora do empreendimento, que está em fase final de construção na Rodovia Gastão Dal Farra.

Estiveram presentes, entre outras autoridades, o prefeito João Cury Neto; Edivaldo Domingues Velini, diretor-presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp) e diretor-científico do Parque Tecnológico; o diretor-executivo-presidente e o diretor administrativo e financeiro da Associação Parque Tecnológico Botucatu, respectivamente, Paulo Urbanavicius e Antonio Vicente da Silva; além do subsecretário de Ciência e Tecnologia do município, Carlos Costa, e do vice-prefeito, Antonio Luiz Caldas Júnior.

O contrato prevê a transferência, ao longo de 12 meses, de pouco mais de R$ 930 mil de recursos municipais para o empreendimento. A formalização do acordo também permitirá ao município ingressar com o pedido de credenciamento definitivo da iniciativa no Sistema Paulista de Parques Tecnológicos.

Segundo o prefeito Cury, o governador Geraldo Alckmin confirmou a liberação de mais R$ 800 mil para a iniciativa. Ele destacou a união de esforços entre o poder público municipal, a Universidade e instituições como a Fatec, para consolidação do projeto, e enfatizou a importância de se buscar parceiros na iniciativa privada para ocupar as áreas que serão disponibilizadas. "Estamos falando de um projeto que demanda muitas e as mais diferentes competências e capacidades", afirmou.

O professor Velini elogiou a contribuição de Silva e do subsecretário Costa para a consolidação da proposta do parque, que, na sua avaliação, já trouxe resultados significativos, como a do curso de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia, proposto pela Faculdade de Ciências Agronômicas de Botucatu. "Disputamos com outras 65 propostas e a nossa foi escolhida", ressaltou. "Não tenho dúvida de que o principal argumento que nos possibilitou essa conquista foi a implantação de um parque tecnológico voltado para as áreas de bioprocessos e biotecnologia."

Nova coordenação no Centro de Estudos Ambientais

Fabiana Manfrim

Fabiana Manfrim

Govone (*dir.*) e Menegário: apoio à pesquisa na área de água

O Centro de Estudos Ambientais (CEA), localizado no Câmpus da **Unesp** de Rio Claro, está com novos dirigentes. No dia 12 de maio, José Silvio Govone tomou posse como coordenador-executivo e Amauri Antonio Menegário, como vice-coordenador-executivo. Eles assumiram os cargos antes exercidos, respectivamente, por Roberto Naves Domingos e Ana Luiza Brossi Garcia.

De acordo com o professor Govone, o plano é dar continuidade aos trabalhos do Centro, assim como fortalecer a união com as outras unidades complementares da **Unesp**. "Nossa ideia é incentivar a pesquisa, principalmente na área de água", completa. "Nós queremos transformar o CEA em um centro de referência em pesquisa dos nossos vários setores", conclui Menegário.

Idealizado em 1986, o CEA reúne docentes da **Unesp** (Rio Claro, Bauru, Ilha Solteira, Guaratinguetá, Presidente Prudente, Jaboticabal, Botucatu e Araraquara), de universidades privadas e instituições de pesquisa do Estado de São Paulo.

Professoras recebem Prêmio Capes-Elsevier

Daniela Toviansky

Renato Coelho

Vanderlan (*acima*) e Maria Valnice: destaque na ciência do país

Em cerimônia no dia 15 de maio, no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro (RJ), as professoras da **Unesp** Maria Valnice Boldrin Zanoni e Vanderlan da Silva Bolzani receberam o Prêmio Capes-Elsevier 2014. A iniciativa é da Editora Elsevier, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC). Foram homenageadas dez mulheres de instituições brasileiras que se destacaram na produção científica no país e no mundo.

"Esta edição presta uma merecida homenagem às mulheres que ganham cada vez mais espaço na produção intelectual brasileira", diz Ezequiel Farré, diretor regional da Elsevier S&T para a América Latina.

Os Prêmios da Elsevier, que visam o reconhecimento da ciência em todas as áreas do conhecimento, são promovidos em diversos países da América Latina. No Brasil, a Elsevier tem o apoio da Capes.

Veja a lista das contempladas no *Portal Unesp*: **<http://www.unesp.br/portal#!/noticia/13842/capes-e-elsevier-premiam-cientistas-brasileiras/>.**

Professor emérito, com toda a razão

Assessoria de Comunicação e Imprensa do IPPRI – Unesp

Jéssica Amorim – ACI/Marília

Tullo Vigevani e José Carlos Miguel, diretor de Marília

Em 29 de abril, o cientista político Tullo Vigevani recebeu o título de professor emérito, concedido pela Congregação da Faculdade de Filosofia e Ciências da **Unesp**, Câmpus de Marília. A honraria é conferida a professores aposentados que se destacaram em sua área de atuação, pela relevância de sua produção e atividade científica.

Vigevani é professor titular de Ciência Política da **Unesp** e um dos responsáveis pela institucionalização do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, ao lado de docentes da Unicamp e PUC-SP. É pesquisador do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (Cedec) e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos dos EUA (INCT-Ineu).

Entre outros trabalhos, Vigevani publicou 133 artigos em periódicos especializados. Possui 51 capítulos e 14 livros publicados. Participou de 48 eventos no exterior e 170 no Brasil. Desde 21 de setembro de 2012 atua como professor voluntário na Universidade.

Médico recebe prêmio na Alemanha

Assessoria de Comunicação e Imprensa da FM/Unesp

Divulgação

Fernandes apresentou seis estudos em congresso mundial

A rotina diária de Thiago Dias Fernandes envolve diversas atividades. Ele é médico assistente no setor de Eletroneuromiografia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina (FM) do Câmpus da **Unesp** de Botucatu, onde foi contratado no ano passado.

Também ministra aulas na disciplina de Neurologia Clínica da FM e, além disso, está matriculado como aluno do Programa de Pós-Graduação em Bases Gerais da Cirurgia da FM.

Sua atividade como pesquisador o levou ao Congresso Mundial de Neurofisiologia Clínica, realizado em Berlim, Alemanha, de 20 a 23 de março. Lá, Fernandes apresentou seis estudos científicos e acabou contemplado com o "Prêmio Jovem Neurologista" dos países emergentes, recebendo US$ 1 mil como reconhecimento.

A premiação é um motivo de orgulho para o seu orientador, o professor Luiz Antônio de Lima Resende, do Departamento de Neurologia da FM. "Trata-se de um médico-assistente completo, pelo alto nível de seu trabalho em ensino, assistência e pesquisa", comenta Resende. "Parabéns ao dr. Thiago, por atingir padrão internacional de qualidade."

E o reconhecimento pelo trabalho de Resende também se estende a seus alunos na FM: este ano, ele será homenageado pela XLVII Turma da Medicina.

SEMPRE UNESP

Graduada em Turismo apresenta projeto ao município de Rosana

Igor Fernandes – Unesp/Rosana

No dia 10 de abril, Jéssica Pereira, formada em Turismo pela **Unesp**, Câmpus de Rosana, e master em Promoção e Publicidade Turística pela Escuela Universitaria de Turismo Barcelona da Universidat de Girona, apresentou o início de um trabalho que será desenvolvido no município de Rosana, no Oeste do Estado de São Paulo – o Diagnóstico Turístico.

Jéssica, que é proprietária da Agência Criação Boas Ideias, fundada logo após o término de sua graduação, informou que o projeto teve como objetivo compreender e realizar uma análise geral da atividade turística no município.

O minucioso estudo, feito em um processo que durou cerca de seis meses, demonstra como realizar a sistematização do turismo de forma sustentável e participativa, para que, entre diversas ações, ocorra um desenvolvimento econômico capaz de gerar renda e capacitar a comunidade local, transformando assim o potencial turístico regional em produtos reais.

"O estudo realizado possibilitará a indicação de métodos e diretrizes que devem ser tomados a curto, médio e longo prazos, fortalecendo assim a economia do município e explorando de maneira planejada e organizada seus atrativos naturais, culturais e de patrimônio", esclarece Jéssica.

A prefeita do município, Sandra Kasai, destaca o trabalho: "Este é o primeiro passo para o Plano Diretor Turístico de nossa cidade, que é fundamental aos municípios que concorrerão ao programa de incentivo de Municípios de Interesse Turístico", comenta.

No evento, que aconteceu na Casa da Cultura de Primavera, estiveram presentes, além da prefeita, o diretor da Divisão de Turismo e Cultura de Rosana, Denis Alexandre; o presidente do Comtur, professor Francisco Barbosa Filho; a coordenadora-executiva do Câmpus de Rosana, professora Renata Ribeiro; representantes da Protur e empresários do ramo turístico.

Divulgação

Jéssica valorizou atrativos naturais, culturais e de patrimônio

Cursinho de Tupã inova ao motivar para estudo

Alunos dialogam on-line sobre temas como mercado de trabalho com universitários e profissionais

Daniel Kawasaki – Orientação da professora Cristiane Hengler Corrêa Bernardo, Câmpus de Tupã

Mantido por graduandos do Câmpus de Tupã, o Cursinho 180 Graus adotou no mês de abril várias soluções para estimular seus alunos a enfrentar o ano em que decidem seu futuro.

A primeira iniciativa, denominada "De cara com o fera", consiste num diálogo on-line entre os aspirantes ao vestibular e um convidado especial, que encarou desafios até conquistar uma posição, seja na universidade ou no mercado de trabalho.

De acordo com o coordenador discente do cursinho, Lucas Aranha Fialho, a escolha do entrevistado é fundamental, pois os vestibulandos se espelharão no que ele disser. "As experiências de preparação desses graduandos podem ser potencializadas sobre os alunos, se a história da pessoa possui algum tipo de relação com o atual momento de vida dos discentes", afirma.

Para o coordenador docente, o professor Gessuir Pigatto, as iniciativas do 180 Graus buscam demonstrar aos seus alunos que é possível alcançar o que desejam. "O que os eventos mostram é que a dedicação, a organização e o planejamento dos estudos nessa fase da vida são essenciais para eles alcançarem esses sonhos", esclarece.

Uma das vestibulandas que aprovou essa proposta é Maria Gabriela Dantas Bereta Lanza, 17 anos. "Uma experiência que me motivou foi ouvir a história da Tabata, uma menina que estuda em Harvard, e ter a noção de que até mesmo os sonhos mais inimagináveis se tornam palpáveis diante de dedicação, objetivos e foco", acentua.

Outra fonte de informação para a turma do 180 Graus é um diálogo com universitários das três áreas do conhecimento, que falam sobre questões como a escolha do curso e o mercado de trabalho. Esse encontro ocorre às segundas ou quintas-feiras. Em abril, por exemplo, houve o "Exatas de quinta", para discutir os cursos de Engenharia.

Em abril, ocorreu ainda a palestra "Se tivessem me dito antes", apresentada por Ronaldo Souza, gestor da empresa de consultoria Ravscorp e criador de um modelo de negócio com perspectiva de faturamento de R$ 400 milhões ao ano. "O evento foi formulado para proporcionar uma interação pessoal de impacto na perspectiva da carreira", comenta Fialho.

Divulgação

Em abril, o "Exatas de quinta" discutiu cursos de Engenharia

Para saber mais sobre as ações praticadas pelo cursinho, acesse a página do Facebook, no link: **<http://goo.gl/Y9cslB>.**

Equipe "empalha" sucuri

Paulo Eduardo Homem – Unesp de Ilha Solteira

No segundo semestre de 2013, alunos do curso de Zootecnia da **Unesp** de Ilha Solteira e uma estudante alemã de intercâmbio Iaste realizaram uma taxidermia, atividade conhecida também como "empalhamento". Os animais taxidermizados foram uma sucuri, um tucano e um teiú doados pelo Centro de Conservação da Fauna Silvestre de Ilha Solteira, além de uma galinha-d'angola, fornecida por um agricultor.

A taxidermia consiste em conservar animais mortos e destiná-los à exposição em museus, eventos e estudos científicos, e para educação ambiental. A técnica envolve a retirada de vísceras e preservação da pele e da cabeça, com o enchimento do corpo com materiais como algodão e pó de serra. O "empalhamento" da sucuri, que tinha cerca de 10 metros, exigiu a participação de muitos alunos e deu mais trabalho.

O objetivo dessa atividade foi enriquecer a parte prática da disciplina de Produção e Preservação de Animais Silvestres, sob responsabilidade do professor Milton Passipieri e supervisão de Rodrigo Ribeiro de Mendonça, biólogo do Centro de Conservação da Fauna Silvestre.

Os animais taxidermizados por alunos do câmpus encontram-se no Museu de Vertebrados do Departamento de Biologia e Zootecnia da FE/Unesp – Câmpus de Ilha Solteira.

Divulgação

Alunos, professores e funcionários de Ilha Solteira com os animais submetidos à taxidermia

Aplicativos para renovar livros

Estudantes desenvolvem ferramentas para Android e Windows Phone

Nayara Dalossi – Unesp/São José do Rio Preto

Alunos de dois cursos de Ciência da Computação da **Unesp** desenvolveram aplicativos para smartphones que beneficiam os usuários das bibliotecas da Universidade. Os novos recursos permitem a renovação do empréstimo de livros, que é realizada pelo catálogo bibliográfico on-line Athena, disponibilizado no site das unidades universitárias.

Felipe Beline e Gabriel Oliveira, da Faculdade de Ciências, Câmpus de Bauru, criaram um aplicativo para o sistema Android. E Bruno Zumpano Nakashima Miyahara, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, do Câmpus de Rio Claro, desenvolveu uma ferramenta para o sistema Windows Phone.

Segundo Cláudia Araújo, diretora técnica de Biblioteca e Documentação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, até o momento foram testados apenas os dois aplicativos criados para Android, e ambos teriam funcionado muito bem.

Por uma questão de identificação visual com o catálogo Athena, a rede de bibliotecas da Universidade tem divulgado e implementado o aplicativo Biblioteca Unesp, criado por Beline. A criação dessas ferramentas é independente e não tem vínculo de parceria com a **Unesp**.

Escolha o seu aplicativo abaixo:

Biblioteca Unesp (Android): **<http://goo.gl/1xN2ZP>.**

UpBook Unesp (Android): **<http://goo.gl/P8avAG>.**

Athena Renovador (Windows Phone): **<http://goo.gl/QjJVp4>.**

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

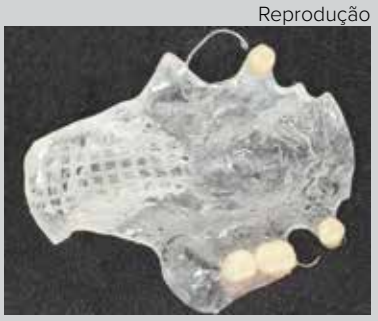
Material reforça próteses odontológicas

Um projeto coordenado pelo professor Tarcisio José de Arruda Paes Junior, do Departamento de Materiais Odontológicos e Prótese do Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT) da **Unesp**, Câmpus de São José dos Campos, obteve um material de reforço para próteses odontológicas. A proposta foi desenvolvida em parceria com a empresa Natmar Moldes e Plásticos Ltda., com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

O projeto envolveu a produção de uma malha de náilon experimental que recebeu a adição de sílica. O material é feito em um corpo único, em forma de malha, com dimensões que permitem sua utilização no interior da resina acrílica em próteses dentárias removíveis, parciais ou totais. O objetivo é aumentar a resistência mecânica das próteses, facilitando o manuseio técnico e propiciando leveza ao produto.

Após desenvolver o material, Paes Junior consultou a Agência de Inovação da Unesp (AUIN) para patentear o produto. "Após cerca de um ano, tivemos a grata satisfação de ter o depósito da patente da malha de náilon experimental pelo Inpi", comenta. "Passado algum tempo, este mesmo depósito teve a sua extensão internacional aceita."

Reprodução



Projeto envolve produção de malha de náilon com adição de sílica

Paralelamente ao processo de patente, foi realizada uma dissertação de mestrado por Fernanda de Cássia Papaiz Gonçalves, orientanda de Paes Junior. Os resultados obtidos na pesquisa propiciaram o uso do material em casos clínicos na unidade.

Em 2013, os dados do trabalho foram apresentados como painel científico na 7ª Reunião do Grupo Brasileiro de Reciclagem em Prótese e Implante (GBRPI), obtendo a primeira colocação. O prêmio propiciou as passagens aéreas para a apresentação da pesquisa no Congresso da International Academy of Dental Research (IADR), que ocorre em junho em CapeTown, Africa do Sul.

Paes Junior destaca a importância da inserção da fibra de náilon em próteses bucomaxilofaciais obturadoras bucofaringeanas, usadas para vedar a região posterior do palato (o "céu da boca"). Essas próteses são indicadas para pacientes submetidos a ressecções tumorais – retirada de tecidos afetados por câncer –, que são atendidos no ICT, pelo Projeto Onco, ligado à Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex).

"As próteses confeccionadas para esses pacientes utilizando-se desta alternativa de recurso para reforço das extensões palatinas das próteses têm propiciado excelentes resultados, sobretudo quanto à longevidade e conforto nos uso dos aparelhos", esclarece o pesquisador. "Outras indicações para a malha de náilon estão sendo testadas, a fim de ampliar a gama de indicações e benefícios que seu uso possa trazer à odontologia."

Além de Paes Junior e da mestranda Fernanda, participam do projeto os professores Estevão Tomomitsu Kimpara e Guilherme de Siqueira Ferreira Anzaloni Saavedra, do ICT, além de Natalia de Paschôa Navarrias e Marco Aurelio de Paschôa, os proprietários da empresa Natmar.

Grupo apresenta "alma sonora dos objetos"

No dia 7 de maio, às 20 h, no Teatro Reynúncio Lima, no Instituto de Artes do Câmpus da **Unesp**, em São Paulo, SP, o grupo português Alma D'Arame apresentou o espetáculo de Teatro de Objetos *O canto*.

A apresentação é uma performance de caráter experimental que cria sonoridades plásticas de uma história por meio da manipulação sonora de objetos e diferentes materiais. Partindo de um exercício sobre a obra de Franz Kafka (*Josefina a cantora ou o povo dos ratos*), os espectadores puderam "ouvir" momentos sonoplásticos a partir das deslocações do som, construindo uma quadrifonia sonora. A fusão entre estes dois universos foi em tempo real, tanto em nível da manipulação dos objetos como em nível sonoro, pois, como os integrantes do grupo ressaltam, "o que nos interessa é a procura da alma sonora do objeto".

Reprodução

Performance cria sonoridades a partir de texto de Franz Kafka

O espetáculo foi uma realização da disciplina Laboratório de Formas Animadas, Teatro Didático da Unesp; Grupo de Pesquisa Poéticas Híbridas – a Interface do Teatro com as Artes Visuais, com coordenação do professor Wagner Cintra, do Instituto de Artes.

FICHA ARTÍSTICA
Concepção/Manipulação de objetos: Amândio Anastácio
Objectos/Mesa: Amândio Anastácio, Tiago Fróis e João Bastos
Sonoplastia/ Manipulação de som: João Bastos
Produção: Alma d'Arame

GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Rodrigo Garcia

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA: Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA: Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO: Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS: José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS:
Francisco Leydson Formiga Feitosa (FMV-Araçatuba), Ana Maria Pires Soubhia (FO-Araçatuba), Cleopatra da Silva Planeta (FCF-Araraquara), Andreia Affonso Barretto Montandon (FO-Araraquara), Arnaldo Cortina (FCL-Araraquara), Leonardo Pezza (IQ-Araraquara), Ivan Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Silvana Artioli Schellini (FM-Botucatu), Maria Dalva Cesario (IB-Botucatu), José Paes de Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre Monteiro de Figueiredo (Dracena), Fernando Andrade Fernandes (FCHS-Franca), Marcelo dos Santos Pereira (FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues (FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva), Maria Cristina Thomaz (FCAV-Jaboticabal), José Carlos Miguel (FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias (Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente), Reginaldo Barboza da Silva (Registro),
Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre (IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana),
José Roberto Ruggiero (Ibilce-São José do Rio Preto), Carlos Augusto Pavanelli (ICT-São José dos Campos),
Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo), Wagner Cotroni Valenti (CLP-São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba) e Danilo Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cínthia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Daniel Kawasaki, Elton Alisson, Fernando Cunha, Genira Chagas, Igor Fernandes, Nayara Dalossi e Paulo Eduardo Homem (texto); Fabiana Manfrim, Marcos Jorge e Ricardo Schinaider de Aguiar (texto e foto); Anamaue, César Culiche, Chello Fotógrafo, Daniela Toviansky, Jéssica Amorim, Luiz Gustavo Leme, Márcia Zoet e Renato Coelho
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções (diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola) (diagramadores: Jéssica Teles, Mariana Büll, Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 16.100 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da **Unesp**, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: http://www.unesp.br/jornal
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 indústria Gráfica

VEÍCULOS
Unesp Agência de Notícias: **<http://unan.unesp.br/>**
Rádio Unesp: **<http://www.radio.unesp.br/>**
TV Unesp: **<http://www.tv.unesp.br/>**

A PERFEIÇÃO É A META

Ilustração Alecsander C. Coelho

Livro coloca em campo a história do treinamento de goleiros no futebol brasileiro

Oscar D'Ambrosio

Posição das mais fascinantes do futebol, o goleiro é o objeto de estudo de Carlos Rogério Thiengo e Dagmar Hunger, da Faculdade de Ciências (FC), Câmpus da **Unesp** de Bauru, no livro *Com a nação nas mãos: a história do treinamento de goleiros no futebol brasileiro* (Paco Editorial).

A obra é fruto do trabalho de iniciação científica de Thiengo, hoje professor de Educação Física, e reúne depoimentos de importantes personagens do futebol brasileiro. Estão presentes em suas páginas o goleiro Rogério Ceni; os ex-goleiros Cláudio Taffarel, Félix, já falecido, e Carlos Gallo; e os treinadores de goleiros Valdir Joaquim de Morais, Wendell Ramalho, Pedro Santilli e Antônio Carlos Pracidelli, todos com passagens pela seleção brasileira de futebol e participações em Copas do Mundo. Além disso, o prefácio é escrito pelo ex-goleiro Zetti. (*Veja quadro.*)

Quando garoto, Thiengo desejava ser goleiro, mas, como não teve a oportunidade, decidiu manter-se ligado ao esporte cursando Educação Física na **Unesp**. Foi na FC que, com financiamento do CNPq, buscou entender o treinamento para essa posição.

OUVINDO QUEM CONHECE

Como a bibliografia na área é escassa, ele e a professora Dagmar optaram por ouvir profissionais importantes no desenvolvimento da preparação desses atletas no Brasil. "Minha participação ocorreu como orientadora de iniciação científica de Thiengo, especialmente no que diz respeito ao ensino da abordagem histórica do tempo presente: fontes orais e memória da história do esporte no Brasil", explica Dagmar, diretora da FC.

O livro mostra como, até os anos 1970, não se dava ao goleiro um tratamento especial. Valdir Joaquim de Moraes foi um pioneiro na iniciativa de desenvolver ações específicas para a posição. Porém, principalmente após a proibição de os goleiros pegarem com a mão o recuo de bola, em 1992, foi necessário um desenvolvimento técnico do camisa 1.

"Surgiram novas especificidades e necessidades de adequações", acredita Thiengo. "Foi com melhor treinamento que os goleiros brasileiros passaram a ter maior reconhecimento internacional, como os jogadores de outras posições, passando a atuar no exterior, como ocorreu com Carlos Gallo, Taffarel e Dida."

A maior habilidade com os pés e melhor reposição de bola são apontadas como essenciais no futebol contemporâneo. Para Thiengo, o goleiro, ao ter a obrigação de ser mais participativo no jogo, deixou de ser apenas a última linha defensiva, passando a ser também a primeira ofensiva. "Suas ações se tornaram mais sistêmicas e táticas e menos técnicas", afirma.

VISÃO DE CONJUNTO

Ele aponta, por exemplo, a necessidade de tomar decisões rápidas, aliada à percepção do conjunto do jogo. Nesse aspecto, o treinamento tradicional, afastado dos outros companheiros, precisaria ser cada mais revisto em função do aperfeiçoamento da cognição para colaborar no ajuste da equipe dentro do jogo.

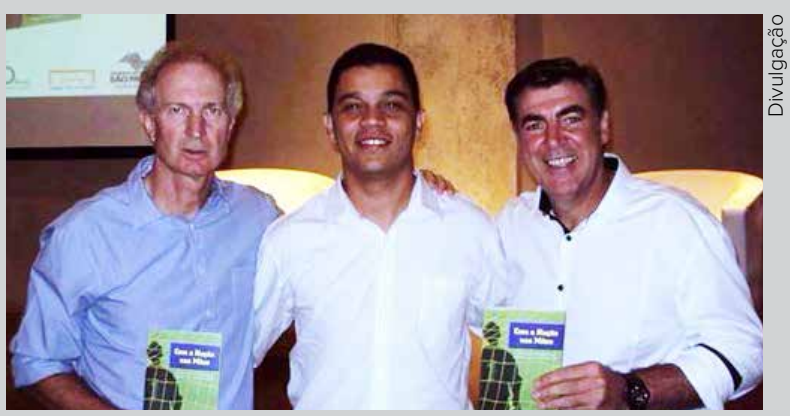
O aspecto psicológico também é destacado como uma característica marcante da posição. Thiengo ressalta que o goleiro tem a visão de todos os jogadores e pode orientar seus companheiros no sentido de antecipar ações do adversário. "Antecipar problemas e organizar a equipe exigem o aprimoramento de habilidades como comunicação e liderança desde as equipes de base", comenta.

Na sua avaliação, uma questão fundamental é trabalhar com muito cuidado nos jovens o senso de responsabilidade, pois a posição, além de ser muito estressante, traz grande exigência e exposição perante o grupo, no início da carreira, e perante a sociedade, no profissionalismo. "O goleiro é único na sua função e um erro pode levar ao fracasso de toda a equipe. Preparar bem esse atleta é difícil e essencial", finaliza Thiengo.

Lançamento teve presença de atletas famosos

Lançado em abril, no Museu do Futebol, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, o livro de Carlos Thiengo e Dagmar Hunter traz depoimentos de diversos profissionais, entre goleiros, ex-goleiros e treinadores da posição. Na tarde de autógrafos, estiveram presentes os ex-goleiros Zetti e Carlos Gallo.

"Os depoimentos reunidos mostram a complexidade da posição, e a necessidade de uma preparação cada vez melhor", disse Zetti. "A pesquisa, inédita, passa a ser uma referência imprescindível para quem deseja entender melhor como se forma um goleiro, desde as categorias de base até o profissionalismo", declarou Carlos Gallo.



Divulgação

Thiengo, entre os ex-goleiros Carlos Gallo *(esq.)* e Zetti